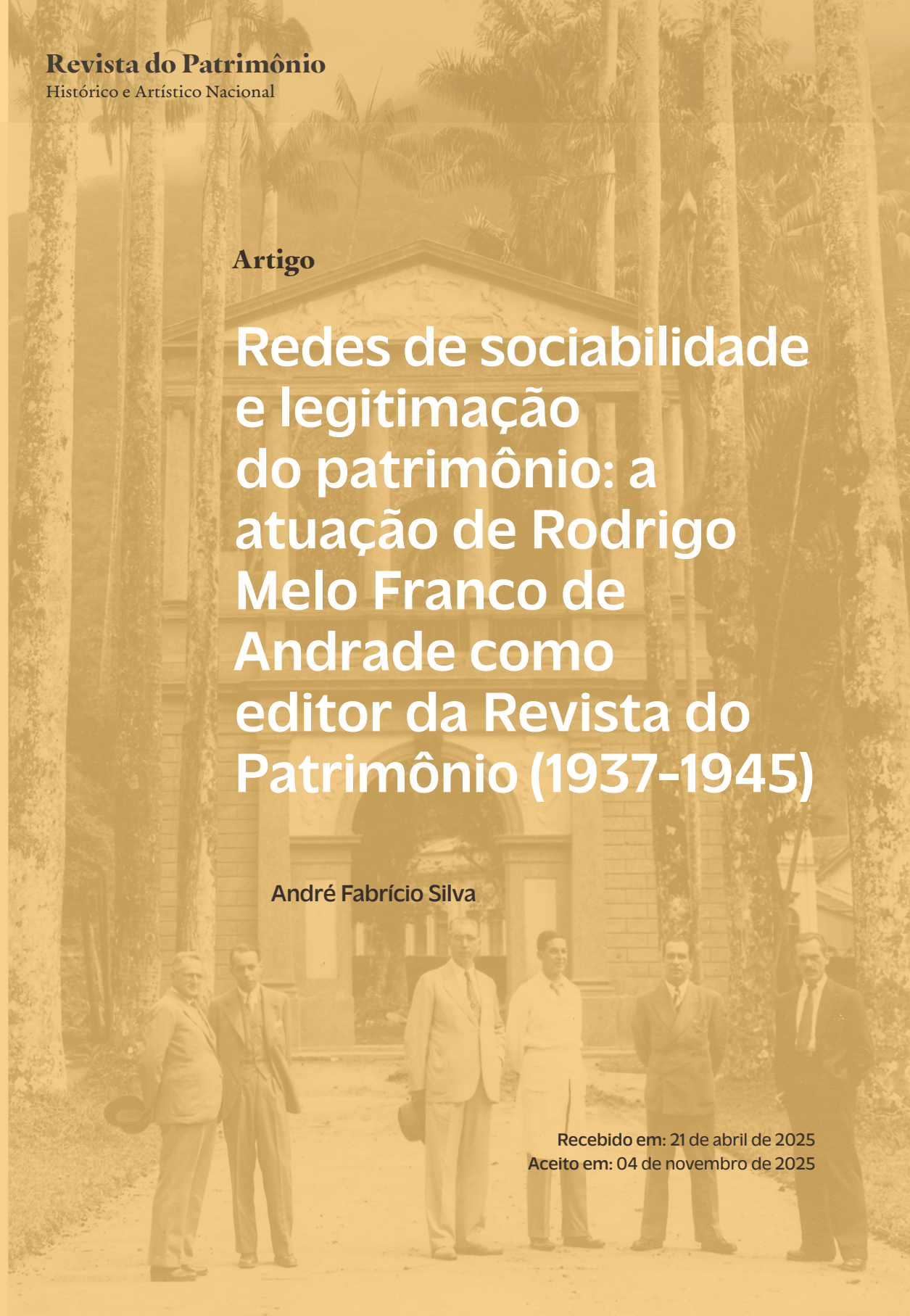


Artigo

**Redes de sociabilidade
e legitimação
do patrimônio: a
atuação de Rodrigo
Melo Franco de
Andrade como
editor da Revista do
Patrimônio (1937-1945)**

André Fabrício Silva

Recebido em: 21 de abril de 2025
Aceito em: 04 de novembro de 2025



Capa: F109329_Andrade, Rodrigo
M. F. de_Pórtico da academia
Nacional de Belas Artesno
Jardim Botânico_Reprod.
Eduardo Mell.

ANDRÉ FABRÍCIO SILVA é professor Adjunto do curso de Museologia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Licenciado em História (2013) e Bacharel em Museologia (2021) pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO/MAST (2019/2023). Pós-graduado Lato Sensu em Educação Patrimonial pelo Instituto de Pesquisa Pretos Novos, em parceria com a FATECPR (2022). Atua na área de Museologia, com pesquisas voltadas para as relações entre Museologia, mídias digitais e virtualidade; emoções patrimoniais, com ênfase nos usos políticos do patrimônio por grupos sociais vítimas de desastres; políticas patrimoniais; e teoria museológica.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Redes de sociabilidade e legitimação do patrimônio: a atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade como editor da *Revista do Patrimônio* (1937-1945)

André Fabrício Silva

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

<https://orcid.org/0000-0003-4999-1987>

andrefabricio.sil@gmail.com

RESUMO

Palavras-chave: Revista do Patrimônio; Rodrigo Melo Franco de Andrade; Editor.

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi o primeiro órgão responsável por estabelecer uma narrativa oficial sobre o patrimônio cultural no Brasil. Criado em 1937, teve como diretor-fundador Rodrigo Melo Franco de Andrade, que permaneceu no cargo até 1967. Entre suas iniciativas para a proteção do patrimônio, destacou-se a criação de uma linha editorial própria, composta pelas séries *Publicações do SPHAN* e pela *Revista do Patrimônio*, que se consolidou como um espaço de legitimação das ações do órgão. Durante o Estado Novo, a *Revista do Patrimônio* reuniu uma variedade de autores que, por meio de seus artigos, buscaram construir diferentes narrativas sobre o patrimônio histórico e artístico nacional. Assim, este trabalho tem como objetivo evidenciar a atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade e suas articulações na produção dos textos publicados na *Revista* entre 1937 e 1945 – período em que a publicação alcançou regularidade graças ao amplo incentivo estatal. Busca-se, assim, analisar o papel de Rodrigo Melo Franco como editor, situando-o em sua rede de sociabilidade e investigando de que maneira ele articulou, de acordo com seus interesses, a escrita sobre o patrimônio histórico e artístico nacional consagrada nas páginas da *Revista do Patrimônio*.

ABSTRACT

Keywords: Revista do Patrimônio; Rodrigo Melo Franco de Andrade; Editor.

The Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) was the first institution responsible for establishing an official narrative about cultural heritage in Brazil. Created in 1937, its founding director was Rodrigo Melo Franco de Andrade, who remained in office until 1967. Among his initiatives for heritage protection, he established a dedicated editorial line, composed of the Publicações do SPHAN series and the Revista do Patrimônio, which became a space for legitimizing the institution's actions. During the Estado Novo period, the Revista do Patrimônio brought together a variety of authors who, through their articles, sought to construct different narratives about Brazil's historical and artistic heritage. This study aims to highlight the role of Rodrigo Melo Franco de Andrade and his influence on the production of texts published in the Revista between 1937 and 1945 — a period in which the publication achieved regularity thanks to substantial state support. The analysis focuses on Rodrigo Melo Franco's role as editor, situating him within his network of sociability and investigating how he articulated, in accordance with to his interests, the discourse on Brazil's historical and artistic heritage as reflected in the pages of the Revista do Patrimônio.

“Diziam que os primeiros artigos não tinham sido escritos por ele, mas deviam ter sido inspirados; foi a sua paixão contagiosa que os ditou ao amigo complacente que os escreveu (...) Durante os cinco anos que estive na redação, senti que o seu estado d'alma “pegava”, alastrava-se pelos amigos e subalternos, tanto que, nas suas ausências, o diário não perdia o tom e os artigos pareciam ter sido revistos por ele véspera e saírem de sua fonte inexaurível de desgosto, despeito e rancor. (...) Proprietário da Folha, absorvera-a toda em si: os artigos, a criação das seções, as referências elogiosas, as “cavações”, tudo só se fazia com sua audiência e aprovação (...) o jornal era ele e a coerência de suas opiniões vinha dos impulsos desordenados de sua alma (...) era uma espécie de senhor feudal a quem todos prestam vassalagem e juramento de inteira dependência: são seus homens.”

Recordações do Escrivão Isaías Caminha – Lima Barreto

1. Para o estudo deste artigo, devido ao recorte da pesquisa, utilizaremos a denominação SPHAN. A denominação da instituição foi modificada diversas vezes: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/SPHAN (1936-1946); Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/DPHAN (1946-1970); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan (1970-1979); Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/SPHAN (1979-1990); Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural/IBPC (1990-1994); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan (desde 1994).

INTRODUÇÃO

Especialistas de diferentes áreas têm se dedicado ao estudo do campo do patrimônio, buscando compreender a gênese das discussões sobre a proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural no Brasil. Esse esforço tem reunido contribuições de arquitetos, arqueólogos, antropólogos, sociólogos, museólogos e historiadores, que colaboram para a construção de narrativas sobre o patrimônio. O debate central envolve a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)¹, as polêmicas que o cercaram, os intelectuais envolvidos e as

2. Intelectuais de diversas instituições consagradas contribuíram com artigos para a *Revista do Patrimônio*. Dentre as principais, podemos citar o IHGB, os IHGBs regionais e o Museu Histórico Nacional.
3. Sobre os atrasos, é necessário apresentar algumas considerações que fundamentam o recorte de análise adotado neste artigo. Até a edição de número 11, as datas impressas na capa da revista (ano de registro) seguem uma sequência cronológica. Contudo, há um intervalo de oito anos entre os números 11 e 12, após o qual o periódico retoma certa regularidade. Conforme observa Marcia Chuva (2017), a revista não mantinha uma periodicidade rigorosa, o que se evidencia no caso da edição número 11: embora a capa traga o ano de 1947, sua circulação efetiva ocorreu apenas em 1954. Dessa forma, os oito números da revista examinados neste estudo apresentam, em suas capas, datas compreendidas entre 1937 e 1944. Ressalte-se, porém, que a edição de número 8, apesar de datada de 1944, circulou somente em 1947. A sua inclusão no recorte aqui proposto justifica-se pelo fato de que a maioria dos artigos publicados nesse volume foi produzida no período que antecedeu o fim do Estado Novo e teve sua divulgação postergada em razão de exigências editoriais impostas por Rodrigo Melo.

políticas do Estado Novo na consolidação dessa ideia no país. Se, por um lado, as discussões sobre o patrimônio e o papel do SPHAN na configuração do que se passou a denominar patrimônio histórico são recorrentes nesse debate, por outro, cresce o interesse por novas perspectivas. Cada vez mais pesquisadores têm se voltado ao exame de documentos variados, ampliando o espectro de análise e aprofundando o entendimento sobre as narrativas patrimoniais.

Um objeto que tem despertado — e despertou ao longo do tempo — o interesse de diversos pesquisadores é a *Revista do Patrimônio*, editada pelo SPHAN desde 1937. Publicada logo após a criação do órgão, a revista buscou consolidar-se como um espaço de excelência na produção de conhecimento sobre a história, a arte e a arquitetura brasileiras (Lanari, 2018). Durante décadas, veiculou artigos e ensaios acerca do patrimônio nacional, da arte e da história, contando com a colaboração de renomados especialistas vinculados tanto ao SPHAN quanto a outras instituições, entre os quais se destacam Lúcio Costa, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Joaquim Cardozo, Curt Nimuendajú e Manuel Bandeira². Trata-se da primeira publicação voltada especificamente aos monumentos históricos e artísticos do país, os quais, até então, como observa Rodrigo Melo Franco em seu prefácio à primeira edição, encontravam-se “dispersos em folhetos, jornais e revistas, cuja procura requer esforço e paciência” (Andrade, 1937, p. 3).

É relevante observar que a política editorial do SPHAN foi conduzida por Rodrigo Melo Franco de Andrade. A *Revista do Patrimônio*, cuja proposta inicial previa edições semestrais³, apresentava artigos, resenhas, resumos bibliográficos e reproduções ou transcrições de documentos, além de material fotográfico. A publicação inspirava-se no modelo das revistas científicas editadas no Brasil desde o século XIX (Lanari, 2010), apresentando estudos cujo objetivo era justificar sua relevância para o patrimônio nacional. Rodrigo M. F. de Andrade, ao buscar consolidar um sentimento de pertencimento à memória nacional, procurou, como editor da revista, sedimentar uma “cultura do patrimônio”, da qual ele próprio se configurava como principal articulador. Essa perspectiva se evidencia em sua política de seleção dos intelectuais que publicaram na revista, bem como na própria linha editorial da publicação. A revista funcionou, ainda, como um mecanismo de legitimação pública das práticas do SPHAN. Tratando-se de um órgão ainda recente, havia a necessidade de apresentar argumentos que comprovassem a importância de sua atuação, de modo a associar suas atividades ao fortalecimento da identidade nacional.

A *Revista do Patrimônio* possuía um perfil acadêmico e destinava-se a um público específico: a comunidade intelectual interessada no estudo da história nacional. Constituiu-se como um espaço dotado de legitimidade para centralizar as discussões sobre o patrimônio. No que tange ao ambiente intelectual, o período que assiste à fundação da revista — o início do Estado Novo — caracteriza-se pelo compromisso predominante de grande parte dos intelectuais modernistas com a afirmação da identidade nacional.

Em razão dos aspectos anteriormente apresentados, a *Revista do Patrimônio* tornou-se referência para análise, atuando ora como objeto, ora como fonte de pesquisa. Nesse contexto, diversas abordagens foram desenvolvidas em torno da revista (Cavalcanti, 1999; Fonseca, 2017; Guedes, 2000; Lanari, 2018; Ribeiro, 2013; Rubino, 1991; Silva, 2010; Thompson *et al.*, 2012). Neste artigo, busca-se evidenciar o papel crucial de Rodrigo Melo Franco de Andrade no processo de produção da revista, particularmente na elaboração dos artigos publicados, sendo ele o responsável direto pela construção do discurso sobre o patrimônio que se consolidou no periódico. Dessa forma, propõe-se analisá-lo sob um enfoque específico, considerando-o enquanto editor. Essa abordagem permite compreender Rodrigo M. F. de Andrade a partir de uma perspectiva teórica que envolve o processo editorial e sua influência na formação de uma cultura do patrimônio.

Serão utilizados documentos localizados no Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), nas séries *Personalidades*, também denominado Arquivo Noronha Santos, bem como nos Arquivos Literários da Fundação Casa de Rui Barbosa, fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, abrangendo as pastas *Artigos*, *Discursos e Conferências*, *Editoriais*, *Diversos*, *Entrevistas*, *Manuscritos de Rodrigo* e *Correspondência Pessoal*. Serão consideradas, ainda, correspondências já publicadas em dois trabalhos do Iphan: *Cartas de Trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade* e *Rodrigo e o SPHAN*. As correspondências, bilhetes, recortes de jornais, documentos e depoimentos revelam como Rodrigo M. F. de Andrade, na função de editor da *Revista do Patrimônio*, mobilizou sua rede de contatos, buscando a colaboração de intelectuais consagrados em suas respectivas áreas, como forma de legitimar o discurso sobre o patrimônio histórico e artístico nacional. Essa atuação teve influência direta na produção dos artigos publicados na revista. Além disso, os documentos evidenciam aspectos da trajetória de Rodrigo M. F. de Andrade, demonstrando que, antes mesmo de assumir a direção do SPHAN, já exercia o papel de editor nos periódicos em que trabalhou, articulando uma rede de intelectuais que futuramente desempenhariam papel central no SPHAN e na definição de sua linha editorial. Observa-se, também, que, desde a década de 1920, ele manifestava preocupação com o patrimônio, especialmente o mineiro, interesse que se consolidou durante a chamada “fase heroica” do SPHAN, recorte temporal abordado neste artigo, compreendido entre 1937 e 1945.

ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O PAPEL DO EDITOR

Segundo Eliana Regina de Freitas Dutra (2008), os editores podem ser considerados “homens duplos”, figuras intermediárias que transitam entre os produtores de cultura e o público, difundindo a novidade cultural. Essa perspectiva é relevante não apenas para compreender a construção das tradições

editoriais, mas, sobretudo, para analisar os pontos de contato entre essas tradições e o projeto pedagógico e discursivo específico voltado à afirmação da cultura nacional. O editor é a pessoa responsável por organizar um periódico, na medida em que seleciona, revisa e supervisiona previamente o que se pretende publicar (Dutra, 2008). Ao atuar na produção de bens simbólicos ou culturais, a ideia de prestígio permeia toda a atividade do editor, constituindo um dos meios pelos quais ele se reconhece como sujeito representativo de uma política social (Pontes, 2001, p. 442-443). Por desempenhar uma “missão social”, os editores são tratados por Pontes como verdadeiros heróis da cultura, assim como intelectuais e escritores. Ao se empenharem em cumprir um papel social análogo, assumem a responsabilidade de atuar como mediadores culturais, contribuindo para a difusão e a consolidação de ideias.

Chartier (1994, p. 50) destaca o papel do editor como figura de natureza tanto intelectual quanto comercial, responsável pela busca de textos, pela identificação de autores e pelo controle de todo o processo editorial, desde a impressão da obra até sua comercialização. O autor afirma que a relação entre editor e escritor se estabelece por meio do que denomina “reciprocidade”, compreendida dentro do parâmetro da “dedicatória”. Nessa relação, o editor se beneficia do autor à medida que oferece uma contrapartida, que pode consistir em um cargo, um emprego ou um pagamento pela criação. Além disso, essa relação de “reciprocidade” permite ao editor obter aquilo que já desejava previamente, tornando implícitas suas ideias e intenções mesmo quando não participa diretamente da produção do texto (Chartier, 1994, p. 50).

Para que haja a figura do autor, são necessários critérios, noções e conceitos específicos. Nesse sentido, Chartier (2012) diferencia o conceito de *writer*, aquele que simplesmente escreve algo, do conceito de *author*. Comparando com o termo francês *auteur*, o *author* é aquele cujo nome confere identidade e autoria ao texto. Trata-se de quem publica obras impressas, em contraste com o *écrivain*, cujo texto permanece manuscrito e fora de circulação. No contexto do universo editorial, além das figuras do editor e do autor, Chartier (2014) destaca a importância da escrita e o poder da palavra impressa, afirmando que todo texto possui um aspecto material — uma materialidade — cuja forma carrega significativa representação social.

Um texto apresenta, nesse sentido, uma série de elementos que expressam as múltiplas relações implícitas entre autor e editor, as leis do mercado e as próprias interações entre autores e leitores (Chartier, 2014). Os significados atribuídos a uma obra dependem do “pórtico” textual, que introduz o leitor ao texto e orienta a leitura da obra. A sustentação textual está vinculada aos elementos narrativos e à estrutura literária, que conduzem o leitor a formar um pensamento determinado pela organização interna do texto. Assim, a materialidade de livros, revistas, jornais e demais suportes impressos é inseparável da materialidade do texto. As formas pelas quais o texto se organiza na página — conferindo à obra estabilidade, mobilidade e instabilidade — influenciam diretamente

a compreensão de seu significado. No caso dos periódicos, as características da materialidade escrita estão relacionadas ao formato, ao layout da página, à divisão do texto, ao uso de imagens, bem como às convenções tipográficas e de pontuação.

É possível afirmar que autor e obra são sempre permeados por processos de mediação. Nem todo texto, ainda que atribuído a um único autor, representa necessariamente sua ideia original. Como afirma Chartier (2014, p. 38), “autores não escrevem livros, nem sequer seus próprios livros. Livros sempre são resultados de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões técnicas e habilidades”. A palavra impressa não é desprovida de poder: ela resulta de intervenções técnicas e construções socioculturais, passando por diversas etapas até se materializar em um livro ou em um artigo de periódico. Ainda segundo Chartier (2014, p. 11), “a ‘mesma’ obra não é de fato a mesma quando muda sua linguagem, seu texto ou sua pontuação”. Essa afirmação reitera o pensamento de Aníbal Bragança (2010) ao buscar definir o papel do editor. O editor é aquele que dá à luz a obra, situando-se dentro do espectro mais amplo da noção de autor. Em diversas situações, o editor confunde-se com o próprio autor, chegando a agir como tal na edição de livros. Dessa forma, em muitos casos, o editor exerce uma atribuição semântica que se aproxima do conceito de autoria, o que permite considerá-lo parte integrante da definição “ampla” de autor (Bragança, 2010, p. 222).

Dessa forma, compreende-se que o universo editorial é permeado por uma rede complexa de indivíduos e ações. Como foi possível observar, a produção do autor, o sentido atribuído ao texto e a forma como o leitor tem acesso a esse conteúdo estão intimamente ligados ao processo editorial, no qual a figura do editor desempenha papel determinante na produção, circulação e recepção do texto. Nesse contexto, considera-se que Rodrigo Melo Franco de Andrade, enquanto editor da *Revista do Patrimônio*, soube desempenhar de maneira estratégica essa função. Ele estabeleceu, dentro de sua rede de sociabilidade, uma profunda relação de “reciprocidade”, garantindo que parte significativa dos debates em torno do patrimônio fosse submetida ao crivo de suas ideias e contribuísse para a consolidação de uma cultura do patrimônio no Brasil.

Pretendemos, assim, avançar na direção de compreender como Rodrigo Melo Franco de Andrade, enquanto editor da *Revista do Patrimônio*, articulou uma rede de sociabilidade que envolveu a colaboração de profissionais consagrados em suas respectivas áreas, com o objetivo de legitimar o discurso sobre o patrimônio histórico e artístico nacional. Busca-se, igualmente, evidenciar a relevância de seu papel como editor na construção da escrita do patrimônio, demonstrando que os textos publicados na revista passaram pelo seu crivo editorial e que essa mediação se insere na lógica de “reciprocidade” apontada por Chartier. Tal perspectiva permite compreender que o discurso estabelecido sobre o patrimônio, no período em questão, estava diretamente relacionado

à concepção de patrimônio defendida por Rodrigo M. F. de Andrade, contribuindo para justificar as ações do SPHAN na defesa do patrimônio cultural brasileiro.

A ATUAÇÃO EDITORIAL DE RODRIGO M. F. DE ANDRADE: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NOS JORNAIS BRASILEIROS

Rodrigo Melo Franco de Andrade nasceu em Belo Horizonte, em 17 de agosto de 1898. Aos 12 anos de idade, mudou-se para Paris para viver com seu tio, Afonso Arinos, onde teve seus primeiros contatos com personalidades políticas, literárias, artistas plásticos e intelectuais brasileiros que frequentavam a casa do tio, entre eles Graça Aranha, Tobias Monteiro e Alceu Amoroso Lima. De volta ao Brasil, Rodrigo M. F. de Andrade ingressou no curso de Direito da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, após ter estudado em Belo Horizonte e em São Paulo. Essa trajetória, marcada por deslocamentos entre diferentes cidades e estados, ampliou seu círculo de sociabilidade intelectual, permitindo-lhe conhecer figuras que se consagrariam posteriormente, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Oswald de Andrade, expoentes do Movimento Modernista (Guimaraens, 2012).

As atividades que influenciariam a formação de Rodrigo Melo Franco de Andrade como editor tiveram início em 1921, quando passou a atuar como colaborador do jornal *O Dia*, dirigido por seu primo Virgílio Melo Franco. Posteriormente, trabalhou como jornalista e diretor em O Jornal, pertencente ao empresário Assis Chateaubriand, proprietário de um dos maiores conglomerados jornalísticos do país. Nesse periódico, Rodrigo M. F. de Andrade assinava a seção *Boletim Internacional* e produzia críticas literárias. Na mesma época, assumiu o cargo de redator-chefe da *Revista do Brasil*, recentemente adquirida por Assis Chateaubriand do escritor Monteiro Lobato. Sob a direção de Rodrigo M. F. de Andrade, foram publicados dez números da revista, que se tornou um importante veículo de difusão dos ideais modernistas e de debates intelectuais da época⁴.

Rodrigo M. F. de Andrade colaborou, ainda, com diversos jornais e revistas de circulação nacional, entre os quais se destacam *Estado de Minas*, *A Manhã*, *Diário da Noite*, *O Estado de São Paulo*, *O Cruzeiro*, *Diário Carioca* e *Módulo*. Nesse período, conciliou por algum tempo a atividade jornalística com a advocacia, atuando no escritório de seus tios Afrânio e João de Melo Franco (Braga, 2010). Embora fosse um grande apreciador da literatura, sua produção escrita foi relativamente modesta. Publicou o poema *Ode pessimista*, na revista *Estética*, em 1925, e deixou oito contos reunidos no livro *Velórios*, lançado em 1936.

No período que antecedeu a criação do SPHAN, Rodrigo M. F. de Andrade consolidou-se como uma figura de destaque no meio político e intelectual. Sua atuação como articulista nos diversos jornais em que trabalhou constituiu um espaço privilegiado para a formulação das primeiras iniciativas que viriam

4. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.149/4543>. Acessado no dia 27/03/2025.

a caracterizar seu papel como editor e influenciar a política editorial do SPHAN. Entre esses veículos, destaca-se sua experiência em *O Jornal*, contexto em que sua faceta de editor se manifesta de maneira mais evidente. A documentação referente a esse período revela sua participação ativa na solicitação de artigos para publicação, bem como sua intervenção no processo de edição, evidenciando a presença de seu olhar crítico e de suas sugestões na conformação dos textos que chegavam à redação.

No final de 1928, Rodrigo M. F. de Andrade organizou uma edição especial de *O Jornal* com o propósito de homenagear o estado de Minas Gerais, conferindo especial destaque ao barroco mineiro e às cidades históricas. O número, publicado em 24 de junho de 1929, reuniu contribuições de importantes personalidades da vida cultural e intelectual brasileira, como Manuel Bandeira, João Alphonsus de Guimarães, Mário de Andrade, Paulo Prado e Carlos Drummond de Andrade, além de diversas figuras políticas e intelectuais de relevo. As correspondências trocadas entre Rodrigo M. F. de Andrade e Carlos Drummond de Andrade revelam o nível de articulação envolvido na construção desse exemplar.

As evidências documentais indicam que Rodrigo M. F. de Andrade e Carlos Drummond de Andrade mantiveram um diálogo constante a respeito da colaboração deste na edição especial de *O Jornal* dedicada a Minas Gerais. Em carta datada de 21 de dezembro de 1928, Drummond confessa não ter conseguido escrever, no prazo acordado, o artigo prometido sobre a cidade de Sabará. Justifica-se, alegando a sobrecarga de trabalho na Secretaria de Educação, durante o dia, e no *Diário de Minas*, à noite, solicitando a Rodrigo M. F. de Andrade que aguardasse alguns dias para a entrega do texto⁵. No início de janeiro de 1929, Drummond envia finalmente o artigo e, em tom autocrítico, pede desculpas ao amigo, qualificando o texto como algo “tão chato”. Afirmar ter feito um esforço considerável para produzi-lo, mas manifesta insatisfação com o resultado final. A reação de Rodrigo M. F. de Andrade, no entanto, foi positiva, tecendo elogios ao artigo, o que surpreendeu Drummond. Sua resposta é reveladora da importância que a crítica de Rodrigo M. F. de Andrade exercia sobre ele naquele momento de sua trajetória intelectual — período em que ainda não havia publicado as obras que o consagrariam como um dos grandes poetas brasileiros. Drummond admite não considerar sua prosa à altura de sua poesia, a qual escreve com prazer, enquanto a prosa lhe parece “laboriosamente perdida”.⁶

Em carta de 19 de janeiro de 1929 Carlos Drummond diz:

Fiquei espantado com os elogios que V. fez à minha “Viagem de Sabará”. Eu não acreditava que esse artigo prestasse e estava meio envergonhado de mandá-lo. Vejo agora que ele não é tão ruim assim.⁷⁸

5. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais – Carlos Drummond de Andrade, RMF CP9.

6. *Ibid.*

8. Nas transcrições dos trechos das cartas trocadas entre Rodrigo M. F. de Andrade e os colaboradores da *Revista do Patrimônio*, foram preservadas a ortografia e a sintaxe originais da época.

Em sua correspondência subsequente, Drummond demonstra surpresa não apenas com os elogios recebidos, mas também com o convite de Rodrigo M. F. de Andrade para que continuasse colaborando em futuras edições. Tal reação evidencia o reconhecimento, por parte de Rodrigo M. F. de Andrade, do potencial literário do amigo, ainda em fase inicial de projeção no cenário intelectual brasileiro. Esse gesto revela, igualmente, a atuação de Rodrigo M. F. de Andrade enquanto articulador e incentivador de produção intelectual, prática que se tornaria recorrente em sua trajetória como editor.

9. *Ibid.*

Motivo que faz receber assustado o seu generoso convite para colaboração no “O jornal” e “Diário de S. Paulo”. Aceito, é claro, mas não sei si darei conta do recado. Que espécie de artigo deve ser?⁹

No âmbito das estratégias editoriais e da influência que o editor exerce sobre a produção de artigos para determinados periódicos, as cartas enviadas por Carlos Drummond de Andrade a Rodrigo M. F. de Andrade evidenciam a reconfiguração da relação de “reciprocidade”. Rodrigo M. F. de Andrade articula, em torno de *O Jornal* e posteriormente da *Revista do Patrimônio*, um grupo de colaboradores pertencentes a seu núcleo de sociabilidade, o que facilita a aceitação de suas sugestões e amplia sua influência sobre os textos produzidos sob sua solicitação. O entusiasmo de Drummond diante da boa recepção de seu artigo e do convite para colaborar em outras publicações evidencia o patamar de autoridade que Rodrigo M. F. de Andrade alcançava sobre a produção intelectual dos colaboradores. Essa dinâmica é ilustrada na correspondência, quando Drummond pergunta: “Que espécie de artigo deve ser?” ou, ainda, quando demonstra entusiasmo pelo convite, afirmando que, em sua primeira folga, prepararia “qualquer coisa” para ser publicado em *O Jornal* e no *Diário*¹⁰.

10. *Ibid.*

Importante figura da política mineira durante a Primeira República, Daniel Carvalho também foi convidado a colaborar com a edição especial sobre Minas Gerais de *O Jornal*. Em carta datada de 6 de janeiro de 1929, Daniel de Carvalho confirma a Rodrigo M. F. de Andrade o envio, conforme prometido, de sua colaboração para a publicação. Nela, ressalta que a investigação histórica foi realizada com o devido cuidado, admitindo que o resultado “pode não ser grande coisa”, embora tenha “dado trabalho”¹¹. Em outra correspondência, enviada no mesmo mês, Daniel Carvalho responde a Rodrigo M. F. de Andrade sobre o artigo, demonstrando sentir-se honrado pelos elogios recebidos, de maneira semelhante a Carlos Drummond. A animação evidenciada na resposta serviu como incentivo para que aprofundasse seus estudos, afirmando possuir novos elementos que tornariam a investigação mais interessante. Relata, ainda, que realiza pesquisas cuidadosas, confrontando fatos para elaborar um estudo documentado sobre a participação dos mineiros na Independência do Brasil¹².

11. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais – Carvalho, Daniel de RMFCp 37.

12. *Ibid.*

As palavras de Rodrigo M. F. de Andrade revelam o fascínio que exerciam sobre os autores convidados a colaborar com o jornal. Embora não tenha sido possível acessar as cartas enviadas por ele, o que permitiria uma compreensão mais aprofundada de sua influência sobre a pesquisa realizada por Daniel Carvalho, as respostas recebidas indicam que Rodrigo M. F. de Andrade adotava uma postura simultaneamente elogiosa e corretiva. Ou seja, ao reconhecer os méritos do trabalho, também propunha ajustes e melhorias nos textos submetidos. No caso de Daniel Carvalho, tais sugestões pareceram desempenhar um efeito motivador.

Sua carta sobre o meu trabalho anima-me não só a corrigi-lo, como [ilegível], edital-o, com elementos novos que [ilegível]..¹³.

13. *Ibid.*

O convite formulado por Rodrigo M. F. de Andrade despertou interesse semelhante em Teixeira da Costa, residente na cidade de Sete Lagoas. Em carta datada de 22 de dezembro de 1928, Teixeira da Costa agradece a oportunidade de colaborar com a edição especial de *O Jornal*. A correspondência sugere que Rodrigo M. F. de Andrade o havia convidado a escrever sobre o movimento bancário em Minas Gerais, ao que o autor se coloca inteiramente à disposição “desse conceituado jornal”¹⁴ e solicita maiores informações acerca da abrangência do tema. No dia 27 de dezembro de 1928, Teixeira da Costa envia o artigo, acompanhado de uma carta na qual solicita orientação sobre a extensão adequada do texto, a fim de melhor focalizar seu ponto de vista. Mesmo tendo enviado o artigo completo, demonstra aguardar a apreciação de Rodrigo M. F. de Andrade, evidenciando a confiança depositada na avaliação editorial deste¹⁵.

14. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais – COSTA, Teixeira da. RMFCp 46.

15. *Ibid.*

A dúvida demonstrada por Teixeira da Costa evidencia que, em certos casos, além de realizar os convites, Rodrigo M. F. de Andrade também sugeria os temas a serem abordados pelos colaboradores, considerando a especialidade e experiência de cada autor. Esse foi o caso de Saint Clair Miranda, importante figura no setor industrial e da construção civil da época. Convidado por Rodrigo M. F. de Andrade a escrever sobre o “Movimento Industrial Mineiro”¹⁶, Miranda recusou o convite, alegando não se sentir suficientemente preparado para produzir um artigo à altura da edição especial.

16. Carta de Saint Clair Miranda a Rodrigo Mello Franco de Andrade, de 30 de dezembro de 1928. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais – Miranda, Saint Clair. RMFCp 100.

Como diretor do jornal nesse período, Rodrigo M. F. de Andrade foi responsável por articular o processo de seleção e solicitação de artigos para a edição especial dedicada ao estado de Minas Gerais. Exerceu de fato o papel de editor ao mobilizar políticos e intelectuais de seu círculo de amizades, sugerindo temas de estudo, propondo correções e orientações que, em muitos casos, eram acatadas sem resistência. Ao realizar os convites, Rodrigo M. F. de Andrade mencionava os nomes dos autores que já haviam confirmado sua participação, valorizando alguns deles por fazerem parte do grupo — estratégia que pode ser interpretada como um recurso para aumentar a adesão ao convite. Em diversas situações, essa prática revelou-se altamente eficaz.

17. Carta de José Eduardo de Fonseca a Rodrigo Mello Franco de Andrade, de 31 de outubro de 1928. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais – Fonseca, José Eduardo de. RMFCp 61.

Pelos nomes dos colaboradores que V. menciona, vejo que devo envaidecer-me da companhia, mas o que me põe na mão, é o único desejo de ser agradável ao organizador do número especial, consagrado a Minas⁷⁷.

Na edição de 23 de junho de 1929 de *O Jornal*, um dia antes da publicação da edição especial sobre Minas Gerais, foi veiculada uma breve chamada anunciando a circulação do número comemorativo no dia seguinte:

A edição especial do O JORNAL dedicada ao Estado de Minas Geraes

A exemplo do que tem feito outras unidades da Federação, como Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, O JORNAL organizou um número especial consagrado ao Estado de Minas. Essa edição circulará amanhã, nesta Capital e no Interior do paiz.

Mais do que simples homenagem a Minas Geraes, esse número d'O JORNAL constituirá de um repositório, tanto quanto possível, completo e detalhado de informação e crítica sobre o grande Estado Central, seus homens e suas coisas.

Contendo grande número de secções, fartamente illustradas pelo artista pernambucano Manoel Bandeira, o intuito dessa edição é fincar, de modo duradouro, os aspectos mais característicos da vida mineira, desde o período colonial, ligando o passado ao presente e o presente ao futuro⁷⁸.

18. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/43877. Acessado no dia 10/04/2025.

Como já foi abordado, o editor desempenha papel central não apenas na construção das tradições editoriais, mas, sobretudo, na articulação entre essas tradições e o projeto pedagógico de afirmação da cultura nacional, ao organizar um periódico, selecionar autores, revisar e supervisionar previamente o que será publicado.

A análise das datas de publicação da edição especial sobre Minas Gerais e das correspondências trocadas evidencia que Rodrigo M. F. de Andrade dedicou aproximadamente seis meses à articulação do processo de produção dos artigos. Tal atuação não se restringiu à mera coordenação editorial: ao ser publicada em um periódico de abrangência nacional, a edição especial representou um ponto de inflexão entre o vanguardismo da Semana de Arte Moderna de 1922 e os processos de patrimonialização dos monumentos coloniais, fundamentais para o projeto que culminaria na criação do SPHAN no final da década de 1930. O período colonial, com especial ênfase nas cidades mineiras e no vasto universo artístico desenvolvido nesse contexto, viria a constituir o foco principal das ações do SPHAN durante a direção de Rodrigo M. F. de Andrade,

demonstrando a continuidade entre seu trabalho editorial e a consolidação de políticas de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

Os desenhos mencionados na chamada, realizados por Manuel Bandeira, vinham sendo produzidos a pedido de Rodrigo M. F. de Andrade desde o final de 1928. As correspondências trocadas entre o poeta e o editor evidenciam que, durante suas viagens pelas cidades mineiras, Bandeira produzia os desenhos e os enviava a Rodrigo M. F. de Andrade para apreciação. Em carta de dezembro de 1928, Bandeira informa que enviaria sua produção referente ao mês no dia 31 do mesmo mês, acrescentando não saber ao certo quando chegaria a Ouro Preto, pois planejava visitar também São João del-Rei e São José para desenhar essas localidades. Cumprindo o cronograma, em carta datada de 31 de dezembro de 1928, enviada de Ouro Preto, Bandeira comunica o envio de 22 desenhos: dez sobre Sabará, dez sobre Ouro Preto, um sobre Congonhas e um sobre Belo Horizonte, destacando que desejava saber a opinião de Rodrigo M. F. de Andrade sobre a produção¹⁹. Em 4 de janeiro de 1929, Bandeira escreve outra carta em resposta a Rodrigo M. F. de Andrade, expressando extrema satisfação pelo elogio recebido e informando que estava trabalhando em mais dez desenhos, os quais pretendia enviar até 15 de janeiro²⁰.

19. *Ibid.*

20. *Ibid.*

Os diálogos entre Rodrigo M. F. de Andrade e Manuel Bandeira indicam que a viagem do poeta a Minas Gerais teve caráter estratégico. As correspondências apontam que, na maior parte do tempo, Bandeira permaneceu em Ouro Preto e, à medida que enviava os desenhos a Rodrigo M. F. de Andrade, compartilhava impressões e informações sobre a cidade. Esses registros permitem concluir que Bandeira já coletava material para a elaboração do *Guia de Ouro Preto*, encomenda de Rodrigo M. F. de Andrade. À luz das cartas, não é exagerado considerar o *Guia de Ouro Preto* como uma crônica de costumes ou mesmo um ensaio histórico moderado, elaborado por Manuel Bandeira a partir de sua experiência direta e do material coletado sob orientação do editor.

O *Guia de Ouro Preto*, embora escrito por Manuel Bandeira, foi uma encomenda de Rodrigo M. F. de Andrade. Antes de sua publicação, Rodrigo M. F. de Andrade leu atentamente o guia e promoveu diversas correções. Nos documentos analisados, foi possível localizar uma versão datilografada do *Guia de Ouro Preto*, contendo anotações e intervenções de Rodrigo M. F. de Andrade ao longo de todo o texto. Observa-se que algumas páginas apresentam correções extensas, enquanto em outras parágrafos foram riscados e complementados com informações adicionais. Ademais, foram realizadas diversas correções gramaticais, demonstrando a atuação de Rodrigo M. F. de Andrade não apenas como editor, mas como mediador da produção textual, garantindo a coerência, a precisão histórica e a adequação do conteúdo ao projeto editorial que conduzia.

O *Guia de Ouro Preto*, portanto, não deve ser interpretado apenas como um guia da cidade. Constitui uma síntese entre a sensibilidade poética de Manuel Bandeira e os objetivos de Rodrigo M. F. de Andrade, cujo propósito consistia em difundir critérios modernistas aplicados ao patrimônio, posteriormente

adotados pelo SPHAN. A escrita e a publicação do guia ocorreram em um momento de intensa afirmação nacional e regional, quando os debates em torno da proteção do patrimônio se tornavam mais visíveis. Nesse contexto, Rodrigo M. F. de Andrade se destacou como defensor do patrimônio, utilizando os espaços editoriais para construir, no imaginário coletivo, uma representação do patrimônio mineiro como elemento central da identidade nacional.

O percurso analisado até aqui evidencia que, ao assumir a direção do SPHAN, Rodrigo M. F. de Andrade já possuía ampla experiência no universo editorial e estava inserido em uma rede de intelectuais formada desde os anos 1920, quando atuava como editor de *O Jornal*, do qual se constituía como articulador. A criação da linha editorial do SPHAN não ocorreu de forma isolada. No anteprojeto de instituição do órgão, já se reconhecia a importância de um periódico para a divulgação de seus trabalhos. Como demonstrado, a *Revista do Patrimônio* representou o espaço oficial destinado a consolidar o discurso sobre o patrimônio histórico e artístico nacional. De acordo com as reflexões de Sirinelli (1996), a *Revista* deve ser compreendida como um espaço privilegiado de análise, envolvendo ações em todo um ambiente social e contribuindo para a elaboração de ideias que estabeleceriam as representações sociais associadas à noção de patrimônio. Nesse processo, diversos atores participam, e a *Revista* revela, em sua minuciosidade, como tais ideias foram constituídas. Como afirma o autor:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão - pelas amizades que as subtemem, as fidelidades que arrebanham e influência que exercem - e de exclusão - pelas posições tomadas, debates suscitados, cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. (Sirinelli, 1996, p. 249)

Pretendemos, nesse sentido, evidenciar que o processo de produção dos textos para a *Revista do Patrimônio* esteve fortemente influenciado por Rodrigo M. F. de Andrade. Como editor, ele desempenhou funções similares àquelas exercidas durante sua direção em *O Jornal*, articulando colaboradores, sugerindo temas, propondo correções e supervisionando o conteúdo antes da publicação.

O EDITOR POR TRÁS DO DISCURSO PATRIMONIAL: RODRIGO M. F. DE ANDRADE E A ESCRITA DO PATRIMÔNIO NA REVISTA DO PATRIMÔNIO

No anteprojeto de criação do SPHAN, a preocupação com a publicidade já era tema dentro das discussões sobre a constituição de um órgão de proteção do patrimônio. Na seção que trata da publicidade, é descrito:

21. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecao_revitalizacao_patrimonio_cultural\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecao_revitalizacao_patrimonio_cultural(1).pdf). Acessado no dia 17/04/2025. p. 61.

O S.P.A.N deverá ter necessariamente, pertencente ao seu próprio organismo, um serviço de publicidade...²¹

Aborda-se, em seguida, sobre a publicação da *Revista*:

22. *Ibid.*, p. 62.

2ª. Na publicação da Revista do S.P.A.N. A revista é indispensável como meio permanente de propaganda, e força cultural. Nela serão gradativamente reproduzidas também as obras de arte pertencentes ao patrimônio nacional. Nela serão publicados os estudos técnicos, as críticas especializadas, as pesquisas estéticas, e todo o material folclórico do país.²²

A centralidade da política editorial do SPHAN é definida pela atuação de Rodrigo M. F. de Andrade enquanto editor, que, mesmo antes da regulamentação oficial do órgão, já articulava a publicação do primeiro número da *Revista do Patrimônio*. Essa interpretação encontra respaldo nas correspondências trocadas entre Rodrigo M. F. de Andrade e Mário de Andrade, que evidenciam a preocupação de Rodrigo em assegurar a circulação de um discurso sobre o patrimônio ainda no momento de estruturação do órgão.

Cinco meses antes da promulgação do Decreto-Lei n.º 25/1937 Rodrigo M. F. de Andrade já mobilizava sua rede de sociabilidade com o objetivo de articular a produção de material para o lançamento do primeiro número da *Revista do Patrimônio*. Em carta enviada a Mário de Andrade no mês de junho de 1937, Rodrigo expressa claramente sua preocupação em garantir que a publicação fosse estruturada antes mesmo da formalização legal do órgão, evidenciando o caráter estratégico que atribuía ao periódico.

Mas o motivo principal dessa carta é o seguinte: estou providenciando agora no sentido de reunir material para o primeiro número da Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que desejo publicar no fim deste mês. Será uma publicação semestral, pois parece impossível fazê-la mais frequente, atendendo-se à escassez de trabalhos aproveitáveis para a sua finalidade. Para o primeiro número, sua colaboração é imprescindível. Consulto-o, portanto, se você não terá aí alguma coisa pronta que sirva para a revista.

Caso não tenha, ser-lhe-á inteiramente impossível escrever uma nota, pequena que seja, - pelo menos para prestigiar a publicação com seu nome entre o dos colaboradores? Os originais me devem chegar às mãos até o próximo dia 15 deste. Se não for abusar de sua bondade, peço-lhe também com muito empenho o favor de ver se me arranja até aquela data, além de alguma coisa de sua autoria, qualquer colaboração dos auxiliares que Você tomou, relacionada com uma das obras a tombar pelo Serviço. O que é preciso, de qualquer maneira, é que São Paulo não deixe de figurar na revista.²³

23. Carta de Rodrigo Melo Franco a Mário de Andrade, de 6 de junho de 1937 (Andrade, 1987, p. 129).

A carta evidencia a estratégia de Rodrigo M. F. de Andrade como editor, ao compreender a importância simbólica de ter o nome de Mário de Andrade no primeiro número da *Revista do Patrimônio*. Mais do que um simples convite, o apelo de Rodrigo M. F. de Andrade é construído de forma a valorizar a colaboração de Mário como “imprescindível” para o êxito da publicação. Ao pedir que Mário de Andrade enviasse “qualquer trabalho”, ainda que breve, e ao reforçar que seu nome deveria figurar entre os colaboradores, Rodrigo M. F. de Andrade demonstra ter plena consciência de que a presença do intelectual modernista conferiria prestígio e legitimidade à revista, especialmente no momento de sua estreia. Essa é uma ação típica de um editor que, ao articular sua rede de sociabilidade, busca não apenas preencher páginas, mas consolidar um projeto editorial capaz de mobilizar o campo intelectual em torno de um propósito maior — no caso da revista, consolidar uma política nacional de preservação do patrimônio.

Rodrigo M. F. de Andrade envia a carta no dia 6 e pede que os originais sejam remetidos até o dia 15 do mesmo mês — ou seja, menos de dez dias para a produção de um texto referente a algum bem a ser tombado pelo então nascente SPHAN. Em sua resposta, Mário de Andrade observa a inviabilidade de se produzir um trabalho de qualidade em tão curto espaço de tempo, destacando a dificuldade de atender ao pedido de forma satisfatória.

É impossível, humanamente impossível fazer coisa boa pra Revista de vocês. Pedi ao Nuto os dados que lhe encomendei. Dados gerais. Só pode me entregar no sábado. Verei o que se poderá fazer. Quanto a Luiz Saia talvez seja possível algum trabalho dele (...) vou fazer apenas o possível, mas creio que esse possível será impossível. Se você nos desse ao menos até dia 30 deste. Veja se dá, e escreva. E o folclore? Já pode entrar na revista?²⁴

24. Carta de Mário de Andrade a Rodrigo Melo Franco, de 07 de junho de 1937 a carta enviada no dia 04/05/1936 (Andrade, 1981, p.70).

Além de sugerir o adiamento do envio dos artigos, Mário de Andrade informa que dois de seus auxiliares se responsabilizariam pela elaboração de um texto para a *Revista*, atendendo ao pedido de Rodrigo M. F. de Andrade. É significativo observar que, mesmo diante da exigência de Rodrigo M. F. de Andrade para que

fossem produzidos artigos sobre “uma das obras a tombar pelo Serviço”, Mário introduz na correspondência o tema do “folclore”, sinalizando sua preocupação em ampliar o escopo da publicação para além do patrimônio edificado. Diante da solicitação de Mário, Rodrigo acata o pedido e decide adiar a data de envio dos textos, reforçando o quanto considerava imprescindível a participação de Mário de Andrade na consolidação da revista e a presença de contribuições paulistas²⁵. Contudo, é taxativo quanto a publicação de textos sobre o “folclore”.

25. Carta de Rodrigo Melo Franco a Mário de Andrade, de 11 de junho de 1937 (Andrade, 1987, p. 129).

A propósito do folk-lore, desconfio de que não haverá por enquanto lugar para ele na revista, atendendo-se as atribuições atuais do Serviço. Entretanto, assim que for promulgada a lei nova (que atualmente se acha em transito pelo Senado), penso que deveremos introduzi-lo, compreendido no conceito de arte popular. Você não acha?²⁶

26. *Ibid.*

O “folclore” não obteve o espaço desejado por Mário de Andrade na *Revista* durante o período em que Rodrigo M. F. de Andrade atuou como diretor e editor da linha editorial do SPHAN. Diante dessa ausência, Mário abandona o tema em sua correspondência posterior, concentrando-se exclusivamente na entrega dos textos que havia prometido. Contudo, o envio sofre novo atraso, levando Rodrigo M. F. de Andrade a cobrar diretamente o cumprimento do prazo, demonstrando seu empenho em garantir a regularidade editorial da publicação: “Como vão os artigos necessários para a revista?”²⁷.

27. Carta de Rodrigo Melo Franco a Mário de Andrade, de 23 de junho de 1937. *Ibid.*, p. 132.

Mário de Andrade envia seu artigo apenas em 1º de julho de 1937, após sucessivos adiamentos. Assim como os demais colaboradores que encaminham textos a Rodrigo M. F. de Andrade, demonstra interesse em conhecer a avaliação do editor a respeito de sua contribuição, revelando o reconhecimento da centralidade de Rodrigo no processo editorial da *Revista do Patrimônio*.

Rodrigo, enfim aqui vão os artigos. Escrevi meu artigo em tempo. A demora veio exclusivamente dos auxiliares! O engenheiro Luiz Saia só agora, são 13 e 25, me telefona avisando que vem trazer os planos... Tenho interesse em saber se lhe agradaram os artigos...²⁸

28. Carta enviada no dia 04/05/1936 (Andrade, 1981, p. 74).

A publicação do primeiro número da *Revista do Patrimônio* ocorreu com um atraso significativamente maior do que o inicialmente previsto por Rodrigo M. F. de Andrade, em grande parte em razão da demora no envio dos artigos por diversos colaboradores, entre os quais “[...] dona Heloisa, Roquette Pinto, Carlos Leão e Augusto Meyer”²⁹. No que se refere à contribuição paulista — considerada imprescindível por Rodrigo M. F. de Andrade —, Mário de Andrade enviou o artigo *A Capela de Santo Antônio*, enquanto Nutto Sant’Anna colaborou com o texto *A Igreja dos Remédios*. O trabalho de Luiz Saia não chegou a ser publicado, possivelmente por ter sido realizado em coautoria com Mário de Andrade, sendo considerado mais estratégico que apenas o nome deste último figurasse

29. Andrade, 1987, p. 134.

na revista. De todo modo, é evidente que Rodrigo M. F. de Andrade mobilizou sua rede de sociabilidade intelectual para assegurar a presença do patrimônio paulista no primeiro número da publicação, garantindo, assim, o prestígio e a representatividade regional que julgava essenciais para a consolidação do projeto editorial.

Luís Saia só publicaria na terceira e na oitava edições da *Revista do Patrimônio*, com os artigos *O Alpendre nas Capelas Brasileiras* e *Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século*, respectivamente. Em relação ao texto publicado na terceira edição, uma análise mais atenta se faz necessária, pois ela permite compreender a influência de Rodrigo M. F. de Andrade, enquanto editor, tanto no processo de produção dos textos quanto nas articulações que buscavam evitar embates entre autores no interior do periódico. O artigo foi entregue a ele por Mário de Andrade, que o alertou sobre a possível divergência das ideias de Saia em relação às interpretações de Gilberto Freyre. Ciente do potencial conflito, Rodrigo M. F. de Andrade interveio para evitar que o texto deslegitimasse os trabalhos de Freyre e compromettesse a coerência do discurso institucional do SPHAN. Essa mediação editorial demonstra não apenas seu papel na definição dos conteúdos publicados, mas também seu esforço em articular os diferentes intelectuais envolvidos, assegurando a construção de uma narrativa harmônica sobre o patrimônio.

O Mario ainda não me mostrou o artigo que v. deve ter remetido a êle, contendo uma divergência com o Gilberto Freyre(...), no entanto calculo que êle não tarde a me mandar o trabalho interessado pelo que v. produz e não, de modo algum, como censor de opiniões ali emitidas em sentido contrário as de outros técnicos do quadro desta repartição.³⁰

30. Carta de Rodrigo Melo Franco a Luis Saia, de 17 de março de 1939. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades /Saia, Luis. Caixa 113/Pasta 370.

Rodrigo M. F. de Andrade esclarece que não tinha a intenção de analisar o artigo de Luís Saia sob uma perspectiva de censura, demonstrando o desejo de respeitar as opiniões divergentes entre os técnicos do SPHAN quanto às diferentes abordagens sobre o patrimônio. No entanto, sua primeira ação foi informar que o texto seria enviado a Pernambuco para que, provavelmente, Gilberto Freyre pudesse ter acesso a ele e apresentar suas considerações.

O Mario já me entregou o artigo em que v. diverge do Gilberto. Logo que eu puder ler todo êle, como desejo, tratarei de remetê-lo para Pernambuco, recomendando urgência na devolução.³¹

31. Carta de Rodrigo Melo Franco a Luis Saia, de 25 de março de 1939. *Ibid.*

Ainda que, em um primeiro momento, Rodrigo M. F. de Andrade tenha procurado demonstrar imparcialidade, ao final prevaleceu sua postura de editor — desta vez influenciada pelo seu círculo de amigos — ao buscar proteger a imagem de Gilberto Freyre de eventuais críticas. A própria relação

de amizade com Luís Saia permitiu que Rodrigo M. F. de Andrade, de maneira solícita e diplomática, interviesse no artigo sem que se instaurasse qualquer animosidade entre ambos. Ele soube aproveitar a liberdade concedida por Saia para realizar ajustes no texto, conciliando os interesses editoriais e a preservação das relações pessoais.

Meu caro Saia.

Antes de me chegar às mãos o envelope contendo sua carta do dia 18 com o artigo para a revista, recebi a que V. me escreveu depois, com um acréscimo a ser introduzido no texto do seu trabalho.

Vou tratar imediatamente de fazer o que V. recomenda e, *uma vez que lhe ocorreu espontaneamente me facultar introduzir alterações no artigo, tomarei a liberdade de retirar do seu trabalho a feição que ele tinha originalmente de retificação a um ponto de vista do Gilberto Freyre (grifo meu)*. Isso, por duas razões: 1ª) porque as considerações que V. faz, apoiado em observações e pesquisas pessoais, assim como em profusa bibliografia, têm um alcance que excede o caráter de uma simples retificação ao palpite Gilbertiano; 2ª) porque, tendo aparecido ultimamente várias críticas pejorativas aos livros do Gilberto [...] parecera talvez inamistoso acrescermos neste momento o número dos impugnadores da obra desse nosso companheiro.

Por esses motivos, caso V. não tenha nada a opôr á liberdade que tomo, farei algumas ligeiras alterações no seu artigo, excelente. Esteja certo, porém que o trabalho não será prejudicado com essa iniciativa, muito menos, desfigurado o pensamento com que foi composto (Grifo meu).

32. *Ibid.* Carta enviada no dia 24 de outubro de 1939.

Não quero, aliás, deixar de dizer-lhe que a sua primeira colaboração para a nossa revista me causou uma grande satisfação e que tanto o artigo quanto as ilustrações ficaram ótimos (...) ³²

De forma estratégica, Rodrigo M. F. de Andrade explicita suas motivações para interferir no artigo de Luís Saia. No intuito de proteger seu amigo Gilberto Freyre de possíveis críticas, procura qualificar a retificação proposta por Saia como excessivamente elaborada, o que demonstra que sua intervenção não foi meramente opinativa, mas embasada em argumentos que poderiam sustentar a defesa de Freyre. Rodrigo M. F. de Andrade assume a liberdade de declarar que modificará o texto, ao mesmo tempo em que suaviza sua intervenção utilizando adjetivos que enaltecem o trabalho de Saia, evitando gerar atritos. Não é possível determinar a extensão exata da influência de Rodrigo M. F. de Andrade sobre o pensamento de Saia; entretanto, a correspondência analisada

evidencia que o artigo publicado na terceira edição da *Revista do Patrimônio* sofreu interferência direta do editor.

O artigo *Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século* também foi produzido sob o olhar crítico de Rodrigo M. F. de Andrade. Inicialmente, sua publicação estava prevista para o final de 1944. Como parte dos artigos da *Revista* relatava os trabalhos desenvolvidos pelos técnicos do SPHAN, era comum que, em casos específicos, houvesse atrasos na entrega devido a novas descobertas realizadas no decorrer das pesquisas. Foi exatamente o que ocorreu com Luís Saia. É provável que o artigo estivesse programado para edições anteriores à oitava, mas sua entrega foi adiada para que o autor pudesse incorporar os resultados das investigações mais recentes³³.

33. O atraso na entrega do artigo por Luís Saia pode ser compreendido no contexto do trabalho de campo desenvolvido pelos técnicos do SPHAN, que frequentemente adiavam a finalização de estudos devido às novas descobertas realizadas, reavaliando e atualizando suas pesquisas antes de submetê-las para publicação. Essa prática se insere no contexto de um esforço sistemático de identificação e conhecimento do patrimônio nacional nos primeiros anos de funcionamento do órgão, marcado pelo que Lucio Costa chamou de “batida sistemática”, prática comum em busca de bens passíveis de serem tombados. Para saber mais, ler: “Plano de Trabalho para a Divisão de Estudos e Tombamento da DPHAN” (Costa, 1998). Para um aprofundamento sobre essa dinâmica e seu impacto na construção das políticas de preservação, ver também os artigos de Rodrigo Melo Franco de Andrade (Andrade, 1987).

Como prometi, devia mandar-lhe o meu trabalho sobre arquitetura rural do segundo século antes de findar este ano. Na verdade, o trabalho estava sendo terminado e já estava sendo passado a limpo, mas acontece que foi descoberta nos arredores de S. Paulo, no bairro de Tatuapé, um outro exemplar, cuja importância é grande não só do ponto de vista de uma construção seicentista mas também como confirmação e esclarecimento de certas observações feitas durante o texto do artigo pra revista(...)Nestas circunstancias pensei que um atraso de alguns dias seria justificado e creio que até dia 6 o trabalho estará acabado.³⁴

O artigo só seria publicado dois anos depois. É provável que o autor tenha continuado a realizar descobertas relevantes para o estudo, mas também é possível afirmar que Rodrigo contribuiu para o atraso da publicação. Após receber o manuscrito, Rodrigo M. F. de Andrade solicitou diversas notas e desenhos que, em sua avaliação, deveriam integrar o texto. Além disso, algumas das obras mencionadas foram restauradas durante a elaboração do artigo, o que levou Rodrigo a exigir a inclusão de fotografias dos bens já restaurados na versão final a ser publicada.

Para completar as ilustrações do seu artigo sobre as construções civis existentes no Estado de São Paulo, reitero-lhe a solicitação anterior, no sentido de remessa de uma boa fotografia da Casa Grande de Tatuapé, à qual lhe peço juntar também fotografia do estado atual da fachada da Capela do Sítio de Anto Antônio, depois da restauração, uma vez que as reprodução do formato pequeno, enviada para documentação das obras em andamento, não se presta para ser utilizada em clichê.

34. Carta de Luis Saia a Rodrigo Melo Franco, de 03 de dezembro de 1944. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades /Saia, Luis. Caixa 113/Pasta 370.

35. Carta de Rodrigo Melo Franco a Luis Saia, de 09 de setembro de 1946. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades /Saia, Luis. Caixa 113/Pasta 370.

36. Carta de Luis Saia a Rodrigo Melo Franco, de 02 de junho de 1947. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades /Saia, Luis. Caixa 113/Pasta 370.

37. Segundo o IBGE, a primeira divisão do território do Brasil em grandes regiões foi proposta em 1913, os chamados *cinco brasís*. A divisão em grandes regiões proposta em 1913 influenciou estudos e pesquisas até a década de 1930. Em 1938, foi adotada a divisão usada pelo Ministério da Agricultura dividindo o Brasil em Sul, Centro, Este, Norte e Nordeste, em que o estado do Rio de Janeiro e São Paulo pertenciam a região Sul.

Relembro-lhe outrossim a conveniência de não retardar por mais tempo a remessa das últimas notas cuja inclusão no seu artigo lhe parece necessária.³⁵

A disponibilidade das notas e dos gráficos na impressão final do artigo parece não ter agradado a Luís Saia.

Só em viagem pude dar uma olhada no artigo pra revista. Notei que foram acrescidos ao material as indicações graficas dos sitios Mirim e Piraquara e que o mesmo não foi feito com as notas, o que me parece tornar a coisa mais ou menos obscura. Cogitei na possibilidade das notas estarem ajuntadas ás fotos. Me ocorreu que em todo o caso devia chamar a sua atenção para o fato do texto tal como você me passou, não esclarecer nada a respeito dos gráficos relativos ás edificações existentes no sitios indicados. No mais tudo em ordem.³⁶

Era do interesse de Rodrigo M. F. de Andrade que, já na primeira edição da *Revista*, fossem publicados artigos sobre o trabalho desenvolvido pelo SPHAN em todas as regiões do Brasil. Essa preocupação se reflete tanto na exigência da participação dos técnicos de São Paulo quanto na seleção dos textos publicados, que contemplavam as regiões Sul, Centro, Este, Nordeste e Norte³⁷. No entanto, os três últimos estados do Sul não tiveram representação, exceto por uma breve nota sobre o *Museu Coronel David Carneiro*, em “Curityba”. Como editor, Rodrigo M. F. de Andrade buscou incessantemente evitar a ausência de textos referentes à região Sul do Brasil.

Nesta seção, observou-se que Rodrigo M. F. de Andrade adiou a publicação da *Revista* em razão do atraso no envio de artigos por parte de alguns colaboradores. Entre eles, o próprio Rodrigo menciona Augusto Meyer. Convidado em 1937, Meyer participou como representante do SPHAN na 7ª região, que abrangia os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tendo como sede Porto Alegre. A mesma exigência feita ao grupo paulista para que colaborasse com a *Revista* foi estendida por Rodrigo a Augusto Meyer, em relação aos colaboradores do Sul do país.

Abri a carta que lhe escrevera ontem para acrescentar este recado urgente: No fim deste mês deve ser publicado o 1º número da Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional¹⁷. Sua colaboração é imprescindível. Tomo, portanto, a liberdade de pedir-lhe com o maior empenho o favor de elaborar um artigo sobre qualquer das obras a inventar aí: São Miguel ou qualquer outra. Rogo-lhe também a bondade de conseguir um artigo do Dr. Alcides Maya ou outro especialista que lhe parecer indicado a respeito do Museu

38. Carta de Rodrigo Melo Franco a Augusto Meyer, de 05 de junho de 1937 (Xavier, 2008, p. 61).

Júlio de Castilhos. Será possível arranjar isso? Os originais dos trabalhos devem me chegar às mãos até o próximo dia 15, a fim de serem remetidos à composição a tempo.³⁸

Procede de maneira idêntica quanto à exigência de que fosse enviado “qualquer” artigo, desde que chegasse a tempo de ser publicado no primeiro número da *Revista*. Mais uma vez, Rodrigo M. F. de Andrade mobiliza sua rede de sociabilidade para obter colaborações de outros autores indicados por Augusto Meyer. Inicialmente, recebe uma resposta satisfatória quanto à produção do artigo; contudo, essa expectativa logo se transforma em reiterados e insistentes pedidos para que Meyer efetivamente colaborasse com a *Revista*.

Muito obrigado pelas providências que tomou para arranjar colaboração para a revista. Quanto ao aparecimento desta, tive de adiá-lo por uns 15 dias, verificando que não seria possível reunir todo o material necessário até o fim do mês. Espero, pois, que o senhor não deixe de escrever o trabalho sobre as velhas estâncias ainda para o primeiro número. É imprescindível uma contribuição sua, mesmo que tenha de ser coisa curta.³⁹

39. Carta de Rodrigo Melo Franco a Augusto Meyer, de 14 de junho de 1937. *Ibid.*, p. 67.

Augusto Meyer parece não tratar do artigo em cartas enviadas a Rodrigo, fazendo com que o editor da *Revista do Patrimônio* cobre em sucessivas cartas a elaboração do artigo por parte do representante do SPHAN.

O senhor diz que já está coligindo documentação sobre as velhas estâncias gaúchas: será com o propósito de escrever o artigo pedido para a revista?⁴⁰

40. Carta de Rodrigo Melo Franco a Augusto Meyer, de 22 de junho de 1937. *Ibid.*, p. 69.

Espero o estudo que o Dr. Ângelo Guido prometeu sobre São Miguel para a nossa revista. Mas não me conformarei com a falta de um artigo seu no primeiro número. Ser-lhe-á impossível escrevê-lo?⁴¹

41. Carta de Rodrigo Melo Franco a Augusto Meyer, de 14 de julho de 1937. *Ibid.*, p. 75.

Renovo-lhe também o apelo que lhe fiz no sentido de não deixar de enviar-me uma colaboração sua para o primeiro número da *Revista*⁴²

42. Carta de Rodrigo Melo Franco a Augusto Meyer, de 22 de julho de 1937. *Ibid.*, p. 77.

Faço os melhores votos para que seu garoto não tarde a ficar completamente livre da febrezinha teimosa e conto com o aviso de sua partida para cá dentro em breve. Antes disso, porém, espero receber o artigo prometido para a *Revista*⁴³

43. Carta de Rodrigo Melo Franco a Augusto Meyer, de 31 de julho de 1937. *Ibid.*, p. 78.

44. Carta de Augusto Meyer a Rodrigo Melo Franco, de 17 de setembro de 1937. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais. RMFCp98.

45. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais. RMFPini 1.

46. Carta de Salomão de Vasconcelos a Rodrigo Melo Franco, de 06 de maio de 1938. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais. RMFCp15. Salomão de Vasconcelos, historiador natural de Mariana, foi um dos autores que mais contribuíram para a *Revista do Patrimônio*, com quatro artigos publicados no período analisado. Seus textos abordaram exclusivamente temas relacionados às cidades de Mariana e Ouro Preto. Entre suas contribuições, destacam-se: “Relíquias do passado” (2ª edição), “Um velho solar de Mariana” (3ª edição), “Ofícios mecânicos em Vila Rica durante o século XVIII” (4ª edição) e “Os primeiros aforamentos e os primeiros ranchos de Ouro Preto” (5ª edição).

Rodrigo M. F. de Andrade procurou insistentemente assegurar a colaboração de Augusto Meyer e de seus indicados para a primeira edição da *Revista*. No entanto, os motivos permanecem incertos: Meyer não publicou na edição inaugural, nem em qualquer outra dentro do recorte aqui considerado. Da mesma forma, não houve contribuições de outros técnicos do SPHAN vinculados à 7ª região. Em carta enviada a Rodrigo M. F. de Andrade, em setembro de 1937, Meyer recorda com nostalgia os dias passados ao seu lado no Rio de Janeiro, sem mencionar, em momento algum, o artigo solicitado⁴⁴. Por tratar-se de um período posterior ao pedido de colaboração, sua viagem ao Rio pode sugerir que Meyer tenha discutido pessoalmente com Rodrigo as razões que o levaram a não produzir o texto.

A dualidade dos papéis exercidos por Rodrigo M. F. de Andrade reflete-se em ações nas quais os limites entre o âmbito público e o privado se entrelaçam. O editor-diretor surge em primeiro plano, mediando interesses institucionais na figura do editor, cujo resultado deveria se materializar no texto. Quando esse objetivo não se concretiza, suas estratégias avançam para o campo privado, subvertendo a ordem inicial e apelando às emoções. Ao longo dos diálogos, Rodrigo M. F. de Andrade inverte o discurso: inicia com ordens para a produção do artigo, mas, à medida que o processo se arrasta, reconfigura sua abordagem, passando a agir como se o interlocutor tivesse assumido pessoalmente um compromisso com ele. Nesse movimento, recorre ao mecanismo emocional, baseado em laços de afetividade, como forma de obter o texto desejado. Tal estratégia mostrou-se eficaz com Mário de Andrade, que, mesmo a contragosto, atendeu ao pedido do editor da *Revista do Patrimônio* — algo que não se repetiu no caso de Augusto Meyer.

Quanto mais estreitos eram os laços de afetividade entre Rodrigo M. F. de Andrade e alguns colaboradores da *Revista*, mais informal se tornava o processo de articulação para a produção dos textos a serem publicados. Nesses casos, a elaboração dos artigos não seguia padrões rígidos quanto à estrutura textual ou ao suporte material, sendo adequados às normas de paginação apenas no momento da impressão. O artigo *Documentação Necessária*, publicado por Lúcio Costa na primeira edição da *Revista*, exemplifica bem esse procedimento: o texto foi entregue a Rodrigo M. F. de Andrade de maneira informal, manuscrito em folhas soltas de um bloco de anotações, como um rascunho, provavelmente em resposta ao pedido de colaboração feito pelo editor⁴⁵. Da mesma forma, Salomão de Vasconcelos, em um cartão timbrado de seu escritório, agradeceu a Rodrigo M. F. de Andrade pelos elogios ao artigo que enviara para publicação na *Revista*.

Recebi sua última carta e m.º envaidecido fiquei de saber que o artigo servirá.⁴⁶

47. O estudo foi publicado no primeiro volume das Publicações do SPHAN com o título alterado: *Mocambos do Nordeste*. Rodrigo Melo Franco de Andrade escreveu longa introdução para o volume, no qual ressalta a importância do intelectual pernambucano para os assuntos relacionados à proteção do patrimônio nacional.

48. A “reciprocidade” na introdução pode ser encontrada na passagem: “Empreendendo [sic], pois, um ensaio especial sobre os mucambos do Nordeste, o Sr. Gilberto Freyre tratou assumpto [sic] que lhe é, de há muito, familiar. No entanto, como trabalhou desta feita tendo em vista a finalidade do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao qual se destinava o seu estudo, ele se ocupou daquelas edificações nordestinas não apenas considerando o interesse que apresentam do ponto de vista sociológico, mas também a sua importância e suas peculiaridades como tipo de arquitetura popular. E realizou a tarefa não só com sua admirável inteligência [sic] e profusão de conhecimentos geraes [sic] e especializados que possui [sic], mas também com aqueles attributos [sic] que conferem a tudo o que ele escreve um vigor e uma qualidade literária excepcionaes [sic]. (Andrade, 1938. p. 10).

49. Carta de Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco, de 25 de junho de 1937. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais. Freyre, Gilberto RMFCp 59.

De maneira semelhante, Gilberto Freyre enviou um trabalho sobre Louis Vauthier, referente à descoberta do diário de sua viagem ao Brasil. Esse material resultou, na primeira edição da Revista, em uma pequena nota publicada sem autoria. Já na sétima edição, o mesmo tema reaparece, desta vez assinado por Freyre, em um texto mais amplo sobre a arquitetura doméstica no Brasil, elaborado a partir das cartas e do diário de Vauthier. O documento enviado inicialmente por Freyre corresponde justamente à nota publicada na primeira edição. Também escrito à mão, ele revela que o texto fora concebido, a princípio, como um prefácio a um estudo mais extenso sobre Vauthier. No manuscrito, encontra-se ainda um recado de Freyre a Rodrigo M. F. de Andrade, no qual sugere que fossem feitas as devidas modificações e que o texto lhe fosse reenviado. Como editor, Rodrigo M. F. de Andrade não apenas realizou correções, mas interveio de forma incisiva: riscou parágrafos inteiros e os reescreveu à sua maneira. O resultado foi uma nota publicada na Revista que se mostrou inteiramente distinta do texto original de Freyre. As modificações introduzidas por Rodrigo M. F. de Andrade deram origem a um novo texto, cuja análise pode ser iluminada pelas reflexões de Roger Chartier sobre os sentidos atribuídos a uma obra quando sua linguagem é transformada a partir da interferência editorial.

A relação de amizade revela não apenas a informalidade no trato, mas também se configura em laços de “reciprocidade”, nos termos de Chartier, nos quais ambos se beneficiam da troca. Ao enviar a Rodrigo M. F. de Andrade o texto “Monumentos do Nordeste”⁴⁷, publicado na primeira série das *Publicações do SPHAN*, Gilberto Freyre atua dentro dessa lógica da reciprocidade, solicitando a Rodrigo um texto introdutório que valorizasse e conferisse maior prestígio ao seu trabalho⁴⁸.

Meu caro Rodrigo, um grande abraço e muitas saudades. Vai o trabalho sobre monumentos do Nordeste. Está curto, mas concentrado e não me parece de todo mau. E quanto aos dizeres, V. poderia fazer a gentileza de os fazer, informando...

E creio que sendo o primeiro trabalho da série, V. poderia escrever uma introdução algo alentada. Seria oportuno e este seu Xará se sentiria honrado em sahir com a introdução geral á serio.⁴⁹

Como Gilberto Freyre mantinha uma amizade íntima com Rodrigo M. F. de Andrade, é possível afirmar que este lhe tenha solicitado indicações de autores para colaborarem na *Revista*. Essa hipótese é reforçada por uma carta enviada por Freyre a Rodrigo em julho de 1937.

Anibal deve mandar um artigo sobre traços de influência (ilegível) na arquitetura do Recife. Artigo para a revista (...)»⁵⁰

50. Carta de Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco, de 07 de julho de 1937. Arquivos Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade, pasta Correspondências Pessoais. RMFCp05.

O autor de que trata Gilberto Freyre é Aníbal Fernandes, que publicou na primeira edição da Revista o artigo *A Igreja dos Montes Guararapes*, em que considera a mais bela e imponente Igreja deixada pelos arquitetos portugueses do século XVIII.

51. Recorte de Jornal do Estado de Minas, de outubro de 1976. Texto de Carlos Drummond de Andrade – “O Velho Noronha”. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades / Santos, Francisco de Agenor Noronha. 93.01; 13,5, 006.

Outra relação de amizade da qual Rodrigo M. F. de Andrade se beneficiou foi a estabelecida com Noronha Santos, um dos autores que mais publicou na *Revista do Patrimônio* — com quatro contribuições dentro do recorte aqui analisado. Noronha Santos funcionava como uma verdadeira enciclopédia para Rodrigo, a quem este recorria sempre que tinha dúvidas sobre a história de algum bem a ser tombado pelo SPHAN. Carlos Drummond de Andrade descreve de forma precisa essa relação.

52. *Ibid.*

Mais perto de nós, Rodrigo M.F. de Andrade, diretor do SPHAN, não tomava iniciativa de promover o tombamento de qualquer capelinha da zona rural, vestígio forte, ponte, chafariz ou casa no Rio, sem dizer à sua secretária: - Por favor, Dona Judite, telefone ao velho Noronha e pergunte se ele pode vir conversar com a gente.⁵¹

53. Francisco Marques dos Santos foi uns dos maiores colaboradores da *Revista do Patrimônio*, publicando na primeira, segunda, terceira e quinta edição. Negociante de antiguidade e estudioso da história do Brasil, de artes nacionais e numismática brasileira, fez parte do Conselho Consultivo do SPHAN até o ano de sua morte. Tinha uma loja de antiguidades na rua Chilha que servia como espaço de encontro entre intelectuais, muitos deles colaboradores da *Revista do Patrimônio*, como pode ser visto no trecho da matéria, sem data, que trata da loja de Francisco Marques: “A loja vivia-lhe cheia de não compradores – o velho Taunay, Jacobina, Paulo, Pires Brandão, Wasth Rodrigues, Rodrigo M.F. de Andrade, Gastão Cruls...”. A matéria revela que parte dos colaboradores da Revista estavam inseridos na rede de sociabilidade de Rodrigo Melo Franco.

O contato entre ambos ocorria de maneira informal, geralmente por meio de bilhetes e, em raras ocasiões, através de cartas oficiais enviadas em nome do SPHAN. Noronha Santos, profundo conhecedor da história do Rio de Janeiro, era frequentemente consultado por Rodrigo M. F. de Andrade, que recorria a esse saber para esclarecer pontos relacionados à cidade e a seus personagens. Se desejava, por exemplo, saber por quanto tempo circulou o bonde de tração animal em Copacabana, recebia de Santos uma resposta cordial em bilhete manuscrito⁵². Do mesmo modo, quando surgia alguma dúvida sobre determinada personalidade histórica, não hesitava em recorrer à ajuda do amigo.

Remeto-lhe inclusa cópia de uma notícia publicada pelo O País, em 1889, a respeito de um neto de Tiradentes, que o Snr. Marques dos Santos⁵³ submete a argúcia deste Serviço. Recorro, pois, às luzes do prezado amigo, consultando-o sobre a possibilidade de apurar-se quem seria o comendador Nuno Telmo e se o mesmo porventura terá deixado descendentes.⁵⁴

54. Carta de Rodrigo Melo Franco a Noronha Santos, de 10 de junho de 1942. *Ibid.*

55. Carta de Rodrigo Melo Franco a Noronha Santos, de 17 de dezembro de 1943. *Ibid.*

Afim de completar o valioso serviço que o Senhor já apresentou com as notas elaboradas sobre o Dr. Torres Homem, peço-lhe com grande empenho o obséquio de apurar, caso seja possível, se subsistirão os imóveis constantes da relação anexa e indicar qual seja sua numeração atual.⁵⁵

Mesmo quando não era de seu interesse, Rodrigo M. F. de Andrade recorria a Noronha Santos, atendendo a pedidos de terceiros, que por seu intermédio, desejava obter informações a respeito de alguns dados históricos.

Afim de esclarecer certos pontos obscuros das correspondências entre D. Pedro I e Marquesa de Santos, do período compreendido entre 1822 e 1829, o nosso ilustre patricio Dr. Alberto Rangel solicita-lhe por meu intermédio, o grande favor de lhe transmitir o que consta de seu precioso arquivo ou for do seu doutíssimo conhecimento sobre o seguinte: Ponte de Queiroz (em São Cristovão); Canto do Guilherme (também em São Cristovão). Chacara do Marquês de Barbacena (Na Fábrica das Chitas); quem terá sido Ritchard (talvez negociante de cavalo ou de carruagens).⁵⁶

56. Carta de Rodrigo Melo Franco a Noronha Santos, de 28 de maio de 1943. *Ibid.*

Alberto Rangel, citado por Rodrigo M. F. de Andrade, publicou na sexta edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *O Álbum de Highcliff*, cujo tema é a produção artística realizada no Brasil, especialmente no período em que Dom Pedro I foi imperador. Esse contexto sugere que Rodrigo M. F. de Andrade buscou colaborar com o trabalho de Rangel, solicitando a Noronha Santos informações referentes a esse período. No recorte aqui considerado, Noronha Santos publicou os artigos *A Igreja de São Francisco Xavier*, *Aqueduto do Carioca*, *Um litígio entre Marceneiros e Entalhadores no Rio de Janeiro* e *O Parque da Praça da República*, *Antigo da Aclamação*, nas edições primeira, quarta, sexta e oitava, respectivamente. Como se pode observar, ele colaborou com a Revista desde a sua estreia, com textos voltados para bens relacionados à cidade do Rio de Janeiro. As cartas trocadas indicam que tais artigos provavelmente foram elaborados a pedido de Rodrigo M. F. de Andrade, considerando que, desde a preparação do primeiro número da Revista, ele já solicitava a amigos e colaboradores do SPHAN a produção de trabalhos que pudessem integrá-la.

Embora contasse com uma rede de amizades que lhe permitia articular ações em torno do SPHAN, Rodrigo M. F. de Andrade enfrentou constantes embates. Nos primeiros anos de atuação do órgão, travou intensas disputas com diferentes setores da sociedade em defesa do patrimônio. Grande parte desses conflitos ocorreu com a Igreja, que detinha o controle sobre numerosos bens de elevado valor histórico e artístico, mas não possuía, à época, uma compreensão clara de sua importância para a memória nacional que se buscava

57. As tensões enfrentadas pelo SPHAN em seus primeiros anos não se restringiram às disputas com a Igreja Católica. Rodrigo Melo de Andrade precisou negociar com diferentes setores da sociedade, como proprietários particulares, administrações locais e instituições civis, que muitas vezes não reconheciam o valor histórico ou artístico dos bens sob sua guarda. A literatura especializada aponta que esses conflitos foram recorrentes e constituíram parte essencial do processo de afirmação da política de preservação do patrimônio no Brasil (cf. Andrade, 1987).

58. Carta de Rodrigo Melo Franco ao Monsenhor Carlos Chiarlo, de 24 de setembro de 1946. Arquivo Iphan. Coleção Personalidades. Série: Rodrigo Melo Franco Franco. Subsérie: Correspondências (Nominal)cn. Pasta 02 – Letras A-C. RM/CN 6 a 36. Módulo:34. Caixa:07

59. Carta de Rodrigo Melo Franco a Cardeal Dom Sebastião Leme, sem data. *Ibid.*

“resgatar” e preservar⁵⁷. Em várias ocasiões, Rodrigo M. F. de Andrade denunciou o descaso do setor eclesiástico em relação a esse patrimônio.

(...) Para evitar que as obras de arquitetura, pintura, escultura e artes aplicadas, pertencentes às dioceses no Brasil, não sejam prejudicadas ou sacrificadas pelo efeito de reformas ou outras iniciativas das autoridades eclesiásticas visando a objetivos de utilidade imediata, há grande necessidade de ponderar ou relembra a referida autoridade a sábia orientação preconizada pela Santa Sé e adotada na legislação e nas instruções canônicas, no sentido da integridade das obras de arte tradicional.

Em verdade, falta frequentemente aos Revd^{os}. Vigários e, por vezes, aos próprios Exm^{os}. Snrs. Bispos Diocesanos a noção exata do valor das obras de arte tradicional e dos objetos de interesse histórico. Falta-lhes sobretudo a compreensão de que o aspecto e as características originais daquelas obras e objetos precisam ser mantidos, na sua autenticidade, com a patina, e o desgaste produzido pelo tempo. Assim também não lhes ocorre o grave inconveniente da introdução de imagens e outros elementos modernos nas igrejas antigas, nem o prejuízo causado aos monumentos de arquitetura religiosa tradicional pela iniciativa de acréscimos inadequados ou de novas construções na sua proximidade imediata (...)⁵⁸

Rodrigo M. F. de Andrade recorria, com frequência, aos valores da Igreja Católica para ressaltar a importância artística dos bens a ela vinculados. Quando esse argumento não se mostrava eficaz, apelava à Constituição, exigindo a aplicação da legislação referente à proteção do patrimônio. Além disso, buscava interlocução com figuras de destaque na hierarquia eclesiástica, a fim de que estas pudessem intervir em nome do SPHAN.

Recorrendo mais uma vez à sua insigne autoridade da qual já tanto se tem beneficiado esta repartição (vg) venho apelar encarecidamente para Vossa Eminência no sentido de recomendar a todas representantes eclesiásticas do país o cumprimento disposição Decreto-lei n.25 de 30 de novembro, sobretudo na parte relativa execução obras qualquer natureza em edifício tombado (vg) as quais não podem ser realizadas autorização deste Serviço (pt) Presente apelo é motivado sucessivas infrações referido decreto-lei por parte responsáveis igrejas e conventos inscritos nos livros do Tombo (...)⁵⁹

Apesar da divergência com alguns setores da Igreja Católica, em alguns casos Rodrigo M. F. de Andrade não encontrou resistência.

60. No Brasil, os Mosteiros de São Bento se localizam nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Sorocaba, Vinhedo, Salvador Olinda e João Pessoa. Em alguns casos é possível identificar de qual localidade se trata o Mosteiro, em outros não aparece a identificação, sendo citado somente o nome do Mosteiro.

61. Carta de Rodrigo Melo Franco a D. Bonifácio Jansen, de 02 de junho de 1938. Arquivo Iphan. Coleção Personalidades. Série: Rodrigo Melo Franco Franco. Subsérie: Correspondências (Nominal)cn. Pasta 08. RM/Ct – 7 a 9, 16 a 19. Módulo:34. Caixa 10.

62. Carta de D. Bonifácio Jansen a Rodrigo Melo Franco, de 16 de junho de 1938. *Ibid.*

63. Paulo Barreto e Ayrton de Carvalho eram do corpo técnico do SPHAN na região do Nordeste. O primeiro, foi arquiteto, professor e integrante do primeiro grupo de técnicos mobilizado por Rodrigo Mello. Publicou artigos nas edições primeira, segunda e décima primeira da *Revista do Patrimônio*, com os artigos “Uma casa de fazenda em Jurujuba”, “O Piauí e a Sua Arquitetura” e “Casa de Câmara e Cadeia”. O segundo era engenheiro e foi chefe do primeiro Distrito do SPHAN. Contribuiu com a *Revista do Patrimônio* publicando o artigo “Algumas notas sobre o uso da Pedra na Arquitetura Religiosa do Nordeste” na sexta edição.

Um dos principais objetos de interesse de Rodrigo M. F. de Andrade foi o Mosteiro de São Bento. Algumas cartas revelam que, desde a criação do órgão até sua aposentadoria, ele esteve diretamente envolvido nos processos de preservação do mosteiro, especialmente daquele localizado na cidade de Olinda, em Pernambuco⁶⁰. Prevendo, desde o início, certa resistência por parte do representante local, Rodrigo encaminhou uma carta na qual justificava, com base nos termos da lei, a necessidade do tombamento do edifício.

*Atendendo à circunstância de não terdes respondido à notificação nº 120, que vos foi expedida por este serviço em 18 de fevereiro do corrente ano, cumpre-me notificar-vos para, nos termos do artigo 9º, do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, e dentro do prazo de 15 dias a contar do recebimento desta, anuírdes ao tombamento da Igreja de S. Bento sita em Olinda, da qual sois representante legal na qualidade de abade do Mosteiro de São Bento, ou se o quiserdes impugnar, oferecerdes dentro do mesmo prazo, as razões de vossa impugnação. (Grifo meu)*⁶¹

Dom Bonifácio Jansen não se opôs ao pedido de Rodrigo M. F. de Andrade; ao contrário, reconheceu a importância do SPHAN na conservação dos monumentos que os antepassados, com “tantos sacrifícios, tanto espírito de religião e tanto bom gosto, construíram e nos deixaram como preciosa herança, digna de toda estima e veneração”⁶². Aproveitou, ainda, a oportunidade para solicitar ao órgão a realização de obras no Mosteiro, alegando a falta de recursos da Igreja. A partir de então, por intermédio de Paulo Barreto e Ayrton de Carvalho⁶³, Rodrigo M. F. de Andrade passou a acompanhar de forma direta o processo de conservação do Mosteiro de São Bento, em Olinda.

Com a confiança dos responsáveis pelo Mosteiro de São Bento, Rodrigo M. F. de Andrade atuava de forma estratégica para obter acesso a seus arquivos. Valia-se da *Revista do Patrimônio* como espaço de divulgação das ações realizadas pelo órgão e, sobretudo, para registrar o histórico desses bens, reforçando assim a justificativa de sua relevância para o tombamento. Os Mosteiros de São Bento, por sua importância, não poderiam deixar de figurar nas páginas da *Revista*. Para evitar possíveis resistências dos representantes quanto ao acesso à documentação, Rodrigo agia com notável perspicácia.

Ciente de que deverá, em breve, reunir-se o Capítulo Geral da Congregação Beneditina Brasileira, venho expor e solicitar a Vossa Excelência Reverendíssima o seguinte:

Dado o excepcional valor histórico e cultural dos preciosos arquivos dos Mosteiros de São Bento, os trabalhos de organização e classificação dos livros, manuscritos e documentos que os compõem revestem-se de interesse nacional, incidindo, assim, a preservação e proteção não

apenas de imóveis, mas também de bens móveis “cuja conservação seja de interesse público” – como sucede com os referidos arquivos – “quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”, incluídos excepcionalmente entre tais bens as “obras de arte de qualquer natureza, manuscritos e livros antigos e raros” (Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, arts 1 e 26).

Empenhado no fiel cumprimento desses e dos demais dispositivos da lei que lhe regula as atribuições e o funcionamento... este Serviço julga oportuno solicitar a Vossa Excelência Reverendíssima queira submeter ao Capítulo Geral uma sugestão no sentido de serem conferido ao R. D. Clemente Maria da Silva Nigra, O.S.B., delegado deste Serviço junto aos Mosteiros de São Bento, todas as atribuições e poderes necessários ao cabal desempenho da sua missão de organizar e catalogar os arquivos dos Mosteiros, sendo-lhe, para esse fim, facilitados os estudos e pesquisas necessários nos mencionados arquivos e, em geral, nos estabelecimentos beneditinos do país (...)⁶⁴

64. Carta de Rodrigo Melo Franco ao Arquiabade Dom Lourenço Zeller, de 31 de maio de 1941. Arquivo Iphan. Coleção Personalidades. Série: Rodrigo Melo Franco. Subsérie: Correspondências (Nominal) cn. Pasta 08. RM/Ct – 7 a 9, 16 a 19. Módulo: 34. Caixa 10.

O primeiro passo de Rodrigo M. F. de Andrade foi participar da reunião do Capítulo Geral da Congregação Beneditina Brasileira, demonstrando provavelmente já ter conhecimento da estrutura interna da Ordem de São Bento. Diferentemente de outras ordens religiosas, os beneditinos seguem uma tradição própria que privilegia a autonomia de seus mosteiros e congregações. O Abade Primaz — equivalente ao superior geral em outras ordens — não detém a mesma autoridade centralizadora, e cada mosteiro conserva sua independência administrativa. Assim, se Rodrigo M. F. de Andrade desejava acessar os arquivos, precisava da autorização individual de cada abade. Nesse contexto, a reunião do Capítulo Geral representava um espaço estratégico de diálogo com os representantes dos mosteiros. Amparado no Decreto-Lei nº 25/1937, Rodrigo destacou que os bens móveis também deveriam ser protegidos pelo órgão, dada sua relevância histórica, cuja organização e catalogação constituíam assunto de interesse nacional. Sua principal estratégia, contudo, foi indicar Dom Clemente da Silva Nigra, monge do Mosteiro de São Bento, como representante do SPHAN para tratar das questões relativas aos mosteiros. Ao sugerir a Dom Lourenço Zeller que submetesse ao Capítulo Geral a proposta de conceder a Dom Clemente plenas atribuições e poderes para organizar e catalogar os arquivos, Rodrigo M. F. de Andrade garantia que seu pedido fosse atendido, assegurando, dessa forma, o acesso à documentação por meio da mediação de Dom Clemente.

Tenho a honra de acusar o ofício do dia 31 de maio do corrente ano, e me julgo feliz de comunicar a V^a Exc^a. Que pude propor aos Rev^{mos}, Senhores Abades reunidos em junta capitular, o seu desejo

de conferir ao R.D. Clemente Maria da Silva Nigra O.S.B os poderes necessários para o desempenho da sua missão de delegado do “Serviço etc” juntos aos Mosteiros de nossa Ordem beneditina no Brasil.

Em primeiro lugar tenho de assegurar Vs. Excia de que os Revmos. Sres. Abades reconhecem-lhe agradecidos a fineza de ter encarregado um monge da Ordem da função de delegado do “Serviço”. Tenho, pois, a participar a V^a.Excia. que todos os Superiores dos nossos Mosteiros não somente têm o maior interesse de conservar e catalogar os documentos dos próprios arquivos, mas estão também obrigados pelas leis da Igreja a cuidar dele, pelo que há sempre em cada mosteiro um monge encarregado de ofício de arquivista. Os Superiores declaram-se dispostos a facilitar ao R.D. Clemente os estudos e pesquisas necessários para o desempenho da sua missão. Darão, portanto, aos respectivos arquivistas ordem de organizar e catalogar os documentos conforme os desejos do “Serviço”, e pedem a V^a.Excia se digne fornecer-lhes por escrito as instruções necessárias. Eles estão mui satisfeitos de vêr o R.D. Clemente autorizado de dirigir esse trabalho e de fornecer-lhe as cópias dos documentos de interesse para o “Serviço”.⁶⁵

65. Carta sem autoria, de 06 de julho de 1941, provavelmente seja de Dom Lourenço Zeller por se tratar de uma resposta à carta enviada por Rodrigo Melo Franco. *Ibid.*

A estratégia de Rodrigo M. F. de Andrade mostrou-se efetiva: despertou o interesse dos abades e garantiu o direito de acesso aos arquivos dos Mosteiros de São Bento. É provável que seu objetivo fosse transformar esse acesso em estudos que, posteriormente, pudessem ser publicados na *Revista do Patrimônio*. Não por acaso, assim como Noronha Santos, Dom Clemente da Silva Nigra tornou-se um dos autores mais recorrentes no periódico. Após a autorização para o acesso à documentação, a Revista passou a publicar sucessivamente textos relacionados ao Mosteiro de São Bento. O primeiro artigo apareceu na quinta edição, sob o título *Os dois grandes lampadários do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Na sexta edição, foram publicados *A prataria seiscentista do Mosteiro de S. Bento*, seguido de *A antiga Fazenda de São Bento em Iguazu* na sétima. Na oitava edição, Dom Clemente contribuiu com *Temas pastoris na arte tradicional brasileira*, e sua última colaboração ocorreu na nona edição, com o artigo *Francisco de Frias da Mesquita, Engenheiro-mor do Brasil*. Nesse texto, abordou a trajetória de Francisco de Frias da Mesquita, engenheiro-militar e arquiteto português de destaque no período colonial, responsável pela construção da Igreja do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro.

O interesse de Rodrigo M. F. de Andrade pelos Mosteiros de São Bento manifestou-se desde a fundação do SPHAN. Na condição de editor da *Revista do Patrimônio*, ele, mais uma vez, recorreu à sua rede de relações — agora estabelecida com alguns abades representantes dos mosteiros — para obter acesso aos arquivos, que serviriam de base para pesquisas e artigos publicados

no periódico. Como se pôde observar, a articulação de Rodrigo M. F. de Andrade foi decisiva para que Dom Clemente da Silva Nigra realizasse estudos que, posteriormente, seriam veiculados pela *Revista*.

A rede de sociabilidade de Rodrigo M. F. de Andrade constituiu um importante instrumento utilizado por ele, enquanto editor da *Revista do Patrimônio*, como base para a produção dos artigos publicados no periódico. Por meio dessa rede, buscava também informações sobre intelectuais de que tomava conhecimento através da imprensa, com o intuito de convidá-los a colaborar na Revista. Nessas ocasiões, procurava identificar a procedência e a credibilidade dos pesquisadores que lhe despertavam interesse. Foi dessa forma que estabeleceu contato com Deoclécio Redig de Campos. Em 1937, após ler um artigo que mencionava a existência, no Brasil, de um modelo do pintor Anthony Van Dyck, Rodrigo M. F. de Andrade recorreu a Mário de Andrade para obter informações sobre o autor do texto. Mário, então, respondeu:

(...) Nunca ouvi falar no tal Van Dyck, nem ninguém. Tenho dado pulos pra saber com quem está, nada, ninguém conhece, ninguém nunca não ouviu falar, ninguém não sabe nem quem é o tal Redig de Campos que escreveu o artigo, aqui provavelmente não mora, pelo menos não tem telefone.⁶⁶

66. Carta de Mário de Andrade a Rodrigo Melo Franco de Andrade, São Paulo, 27 de setembro de 1937 (Andrade, 1981, p. 77).

Deoclécio Redig de Campos mudou-se para a Europa aos cinco anos de idade e, em 1930, ingressou no curso de restauração do Museu do Vaticano. Ali construiu uma notável trajetória: foi o primeiro conservador-chefe, depois diretor do laboratório de restauração e, mais tarde, diretor-geral da instituição. É amplamente reconhecido por ter conduzido a restauração da Pietà de Michelangelo, após a obra ter sido atacada a marteladas pelo engenheiro húngaro Laszlo Tóth. Além disso, contribuiu para o desenvolvimento de um tratamento capaz de restaurar diferentes tipos de pedra, devolvendo-lhes resistência, mesmo quando se encontravam bastante degradadas, a partir da aplicação de dezenas de técnicas combinadas. O SPHAN buscou empregar esse método na conservação dos profetas de Aleijadinho, em Congonhas⁶⁷.

67. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades/Deoclécio Redig de Campos, caixa 0017, pasta 0057.

Rodrigo M. F. de Andrade consegue a colaboração de Deoclécio Campos, que publicou, na terceira edição da *Revista do Patrimônio*, o artigo “Um desenho preparatório para a Libertação de São Pedro obra da Escola de Rafael, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”. As cartas trocadas entre ambos revelam que a elaboração do texto contou com intensa participação de Rodrigo M. F. de Andrade. Ainda assim, Deoclécio contribuiu não apenas com o conteúdo, mas também com sugestões referentes às características tipográficas da *Revista*. Seu interesse em ver o artigo publicado no periódico estava ligado à relevância que atribuía à *Revista do Patrimônio* como importante veículo de difusão de pesquisas sobre o passado brasileiro. Nesse sentido, propôs melhorias no aspecto físico da publicação, de acordo com os recursos técnicos disponíveis.

...apresenta a terceiros cumprimentos e lhe envia o ms. do artigo prometido p. a Revista do Patrimônio. Desejaria lhe fossem enviadas as provas tipográficas p. a correção em dupla cópia. Para a ilustração mande-se tirar um exemplar da fotografia Leica feita p. o meu Catálogo em 1937. O número da negativa correspondente é 31, 1. O Fotógrafo foi um certo Hess, alemão. Podendo-se fazer nova fotografia p. evitar o inconveniente da ampliação seria melhor; o Hess (conhecido no Gabinete de Estampas da Bibl. Nac.) a faria muito bem. Desejaria a ilustração à plena pág. “hous-texa”. Desejaria também um certo número de excerpitos com capa própria, si isto não fôr contrário aos desejos e hábitos da Direção. Posso também, enquanto se estiver compondo o texto na tipografia, mandar executar o clichê aqui pela melhor casa de Roma “Mercandetti”, e enviar o próprio clichê a Redação da Revista do S.P.H.A.N.⁶⁸

68. Carta enviada por Deoclécio Redig de Campos a Rodrigo Melo Franco de Andrade, sem data. *Ibid.*

No papel de editor, Rodrigo M. F. de Andrade também interferiu diretamente no texto, sugerindo correções e modificando a ortografia. Isso gerou dúvidas em Deoclécio Campos, que, por viver na Europa desde os cinco anos de idade, não acompanhara os processos de reforma ortográfica da língua portuguesa. Diante dessa limitação, acabou por questionar e, em seguida, acatar as sugestões de Rodrigo M. F. de Andrade.

Aqui vai parte das provas corrigidas: falta o capítulo sobre Miguel-Ângelo, o último, q' irá pela próxima mala não tenho eu tido tempo para o revêr pela segunda vez como fiz com os outros.

Notei q' a ortografia adoptada não é nem a moderna nem a antiga, mais uma espécie de ortografia reformada com menor quantidade de acentos. É regra das publicações do Ministério?

Fiz muitas correções, mas espero na sua bondosa aprovação e paciência porque é nosso interesse q' estes escritos sejam publicados na melhor forma possível. Aliás a grande maioria das ementas são puramente tipográficas. Nas primeiras páginas, com tinta vermelha, fiz algumas correções de accentos de acôrdo com a ortografia reformada.⁶⁹

69. Carta enviada por Deoclécio Redig de Campos a Rodrigo Melo Franco de Andrade, datada de 1940. *Ibid.*

Na mesma carta, Deoclécio Campos solicitou a Rodrigo M. F. de Andrade que enviasse as provas, em dois exemplares devidamente revisados, para que o artigo pudesse ser finalmente publicado. Sugeriu, ainda, que fosse organizada a numeração das ilustrações, caso houvesse necessidade de modificá-las, e informou ter alterado a ordem numérica de alguns capítulos, pedindo a aprovação de Rodrigo M. F. de Andrade.

REFLEXÕES FINAIS: A “MÃO DO AUTOR E A MENTE DO EDITOR” NA REVISTA DO PATRIMÔNIO

Nos oito volumes da *Revista do Patrimônio* examinados no recorte desta pesquisa, foram publicados 97 artigos assinados. A análise dessa produção evidencia uma característica marcante da rede de sociabilidade articulada em torno do periódico: a reduzida rotatividade de colaboradores. Essa concentração de vozes revela o predomínio de um grupo restrito de intelectuais e reforça o caráter elitista que permeava a escrita do patrimônio no período de análise. A distribuição de autores por edições pode ser analisada no quadro abaixo:

Autores	Edições	Número de artigos publicados
Noronha Santos	1,4,6,8	4
Artur Cesar Ferreira Reis	5,6,7,8	4
Salomão de Vasconcelos	2,3,4,5	4
Hanna Levy	4,5,6,8	4
D. Clemente Maria da Silva Nigra	5,6,7,8	4
Francisco Marques dos Santos	1, 2, 3,5	4
Lucio Costa	1,3,5	3
Paulo T. Barreto	1,2	2
Joaquim Cardoso	3,4,7	3
Nair Batista	3,4,5	3
Cônego Raimundo Trindade	7,8	2
Gilberto Freyre	1,7	2
Raimundo Lopes	1,2	2
Godofredo Filho	1,3	2
Mario de Andrade	1,5	2
Carlos Estevão	2,3	2
Alberto Lamego	2,04	2
Estevão Pinto	2,7	2
Lourenço L. Lacombe	2,8	2
Manuel Bandeira	2,6	2
Luiz Jardim	3,4	2
Judite Martins	3,4	2
Luiz Saia	3,8	2
Luiz Camilo	3,4	2
Serafim Leite	6,8	2
Gastão Cruls	5,6	2

Autores	Edições	Número de artigos publicados
C. F. Ott.	7,11	2
Robert Smith	5	1
J. W. Rodrigues	7	1
J. de Souza Leão Filho	1	1
Rodrigo Mello	2	1
Afonso de E. Taunay	1	1
Heloísa Alberto Torres	1	1
Roquette Pinto	1	1
Anibal Fernandes	1	1
Nuto Sant'Anna	1	1
Epaminondas de Macedo	1	1
A. L. Pereira Ferraz	2	1
Romulo Barreto de Almeida	2	1
Francisco Venâncio Filho	2	1
Deoclécio Redig de Campos	3	1
Helcio Dias	3	1
Afonso Arinos de Melo Franco	3	1
José de Souza Reis	3	1
Maria de Lourdes Pontual	4	1
W. P.	4	1
Davi D. da Silva Carneiro	4	1
Sergio Buarque de Holanda	5	1
E. Orosco	5	1
Alberto Rangel	6	1
Ayrton Carvalho	6	1
José de Almeida Santos	6	1
Michel Benisovich	7	1
L. L. Vauthier	7	1
Curt Nimuendaju	8	1
Total de autores: 55		Total de artigos: 97

Quadro 1 - Distribuição de autores, entre 1937 e 1947, por edições e número de publicações em ordem decrescente.

O Quadro 1 evidencia que, entre os 55 autores identificados, pelo menos 27 publicaram em duas ou mais edições da *Revista do Patrimônio*. A recorrência desses autores, como discutido neste capítulo, está relacionada à sua formação profissional e aos vínculos que mantinham com Rodrigo M. F. de Andrade e com o SPHAN. As cartas, recortes de jornais e documentos oficiais analisados revelam um aspecto central da constituição das ações do SPHAN refletidas no periódico: a consolidação de um pensamento sobre o patrimônio característico de um grupo especializado. Dessa forma, a *Revista do Patrimônio* configurou-se como um espaço privilegiado de concentração e difusão do discurso sobre o patrimônio no período.

Essa lógica se fortalece quando se analisa o período como um momento de construção dos conceitos e valores relacionados ao patrimônio, envolvendo a história, a arte e a arquitetura. Tratava-se de um novo clima intelectual que se consolidava no país, e a *Revista do Patrimônio* configurou-se como um espaço singular para a reflexão e a sistematização desses conceitos. A baixa rotatividade de autores deve ser entendida nesse contexto: o pensamento sobre o patrimônio, por ainda ser um campo em formação, era produzido por um grupo restrito de intelectuais inseridos na rede de sociabilidade de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Nesse cenário, Rodrigo M. F. de Andrade exerceu um controle direto sobre a formulação das narrativas que se estabeleceram nas páginas da *Revista*. A análise dos Quadros 2 e 3 torna evidente a estreita relação entre o diretor e a escrita dos artigos, revelando sua influência na orientação dos conteúdos publicados.

Destinatário	Função (ocupação do destinatário)	Ano	Assunto / tema	Ações de Rodrigo M. F. de Andrade Franco	Título do artigo/trabalho	Edição publicada
Arquiabade Dom Lourenço Zeller	D. Arquiabade de São Bento e Bispo Titular de Dorileia.	1941	Reunião do Capítulo Geral da Congregação Beneditina	Rodrigo M. F. de Andrade sabendo da reunião dos Abades dos Mosteiros de São Bento sugere a Dom Lourenço Zeller que indique o monge Dom Clemente da Silva Nigra, delegado do SPHAN, para organizar e catalogar os arquivos dos Mosteiros de São Bento de interesse do SPHAN. A pesquisa resultou em 4 artigos, dentro do recorte proposto, realizado por Dom Clemente da Silva Nigra.	<i>Os dois grandes lampadários do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro</i>	5ª
					<i>A prataria Seiscenista do Mosteiro de S. Bento</i>	6ª
					<i>A antiga Fazenda de São Bento em Iguaçu</i>	7ª
					<i>Temas Pastorais na Arte Tradicional Brasileira</i>	8ª
Augusto Meyer	Direto Regional da 7ª região SPHAN – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.	1937	Texto para a Revista do Patrimônio	Sugere estudos sobre bens a serem tombados pelo SPHAN na região sul do Brasil e autores que possam colaborar.	Não teve artigos publicados.	
Luis Saia	Arquiteto e Diretor Regional da Divisão de Estudos de Tombamentos do SPHAN em São Paulo	1939	Artigo para a Revista do Patrimônio e possível divergência com Gilberto Freyre	Sugere que vai interferir no texto por perceber ideias que descaracterizam os estudos realizados por Gilberto Freyre.	<i>O Alpendre nas Capelas Brasileiras</i>	3ª
		1941	Fotos para artigo da Revista do Patrimônio	Solicita, a pedido de Lucio Costa, que Luis Saia mande fotografar o retábulo do altar-mor da Capela de Santo Antônio no município de São Roque para ilustrar um trabalho já pronto para o próximo número da Revista.	<i>A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil (Lucio Costa)</i>	5ª
		1944-1947	Artigo para a Revista do Patrimônio	Solicita notas, desenhos e fotos dos bens restaurados pelo SPHAN que serão tratados no artigo.	<i>Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século</i>	8ª
		1937	Artigo para a Revista do Patrimônio	Sugere estudos sobre bens a serem tombados pelo SPHAN em São Paulo e autores que possam colaborar.	<i>A Capela de Santo Antônio</i> <i>A igreja dos Remédios (Nutto Sant'anna, por indicação de Mario de Andrade)</i>	1ª
Noronha Santos	Historiador e colaborador do SPHAN	1943	Informações para escrita de artigo para a Revista do Patrimônio	Solicita algumas informações históricas sobre alguns pontos da cidade do Rio de Janeiro a pedido de Alberto Rangel.	<i>O album de Higbcliffé (Alberto Rangel)</i>	6ª

Quadro 2 - Seleção de cartas enviadas por Rodrigo M. F. de Andrade Franco relacionadas aos artigos da Revista do Patrimônio.

Emissor	Função (Ocupação do emissor)	Ano	Assunto/tema	Conteúdo do assunto/tema	Título do artigo	Edição publicada
Deoclécio Campos	Conservador-chefe, diretor do laboratório de restauração diretor geral do Museu do Vaticano.	Sem data	Artigo para a Revista do Patrimônio	Informa está enviando o manuscrito do artigo prometido para correção. Opina a respeito da característica tipográfica do artigo.	<i>Um Desenho Preparatório para a “Libertação de São Pedro”, obra da Escola de Rafael, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro</i>	3ª
		1940	Artigo para a Revista do Patrimônio	Informa está enviando as provas corrigidas e questiona a respeito das correções realizadas por Rodrigo M. F. de Andrade a respeito da ortografia.		
Dom Lourenço Zeller	D. Arquibade de São Bento e Bispo Titular de Dorilea.	1941	Resposta à carta de Rodrigo M. F. de Andrade solicitando a indicação do monge Dom Clemente da Silva Nigra, delegado do SPHAN, para organizar e catalogar os arquivos dos Mosteiros de São Bento.	Informa a Rodrigo M. F. de Andrade que os Abades dos Mosteiros de São Bento autorizaram o delegado do SPHAN, Dom Clemente da Silva Nigra, acessar e organizar os arquivos dos Mosteiros.	<i>Os dois grandes lampadários do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro</i>	5ª
					<i>A prataria Seiscen-tista do Mosteiro de S. Bento</i>	6ª
					<i>A antiga Fazenda de São Bento em Iguazu</i>	7ª
					<i>Temas Pastorais na Arte Tradicional Brasileira</i>	8ª
Gilberto Freyre	Sociólogo e colaborador do SPHAN.	Sem Data	Trata do prefácio sobre o diário de Louis Vauthier	Pede que Rodrigo M. F. de Andrade faça as devidas modificações no texto enviado.	<i>Louis Vauthier e o seu diário inédito de uma viagem ao Brasil</i>	1ª
					<i>Casas de Residência no Brasil – Introdução (Gilberto Freyre trata das cartas e do diário de Vauthier sobre a arquitetura doméstica no Brasil.)</i>	7ª
		1937	Artigo do para a Revista do Patrimônio	Informa a Rodrigo M. F. de Andrade que Aníbal Fernandes deve enviar um artigo sobre a arquitetura do Recife.	<i>A Igreja dos Montes Guararapes</i>	1ª
Lucio Costa	Arquiteto e Diretor da Divisão de Estudos de Tombamento do SPHAN	Sem data	Artigo para a Revista do Patrimônio	Rascunho de um artigo para a Revista do Patrimônio feito à mão.	<i>Documentação Necessária</i>	

Emissor	Função (Ocupação do emissor)	Ano	Assunto/tema	Conteúdo do assunto/tema	Título do artigo	Edição publicada
Luís Saia	Arquiteto e Diretor Regional da Divisão de Estudos de Tombamentos do SPHAN em São Paulo	1946	Resposta à carta de Rodrigo M. F. de Andrade a respeito do artigo para a Revista do Patrimônio	Informa estar enviando as notas e fotos para o artigo da Revista conforme solicitado por Rodrigo M. F. de Andrade.	<i>Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século</i>	8ª
		1947	Artigo da Revista do Patrimônio	Questiona a disponibilidade das notas e dos gráficos na impressão final do artigo.		
Mário de Andrade	Assistente Técnico da 6ª Região Administrativa do SPHA – São Paulo	1937	Artigo para a Revista do Patrimônio	Informa estar enviando o artigo solicitado por Rodrigo M. F. de Andrade e pede opinião do mesmo sobre o artigo.	<i>A Capela de Santo Antônio</i>	1ª
Salomão de Vasconcelos	Historiador e colaborador do SPHAN em Minas Gerais	1938	Artigo para a Revista do Patrimônio	Informa ter recebido a carta de Rodrigo M. F. de Andrade elogiando o artigo e se demonstra satisfeito em saber que o artigo será publicado.	<i>Relíquias do Passado</i>	2ª
Robert Smith	Historiador da arte	1951	Artigo para a Revista do Patrimônio	Concorda com as sugestões propostas por Rodrigo M. F. de Andrade a respeito do artigo.	<i>Documentos Baianos</i>	9ª

Quadro 3 – Seleção de cartas recebidas por Rodrigo M. F. de Andrade relacionadas aos artigos da Revista do Patrimônio.

As cartas analisadas nos Quadros 2 e 3 evidenciam que Rodrigo M. F. de Andrade esteve envolvido, direta ou indiretamente, na produção de 19 artigos. Considerando o depoimento de Judith Martins, soma-se, ainda, o artigo que, segundo ela, foi uma exigência de Rodrigo M. F. de Andrade. No mesmo depoimento, Judith Martins destaca que foi a pedido dele que Hanna Levy realizou o curso de História da Arte Brasileira, tema que resultou nos quatro artigos publicados pela autora na *Revista do Patrimônio*. As correspondências trocadas com Noronha Santos também reforçam esse padrão: da mesma forma que Rodrigo M. F. de Andrade solicitava informações sobre os bens a serem tombados na cidade do Rio de Janeiro, demandava conteúdo para a produção dos artigos da *Revista*, o que explica o fato de Noronha Santos tratar exclusivamente de aspectos da história carioca no periódico. Diante desse conjunto de evidências, é possível identificar a influência direta de Rodrigo M. F. de Andrade em pelo menos 28 dos 97 artigos publicados, o que demonstra seu papel central na orientação editorial da *Revista do Patrimônio*.

Ao considerar outros aspectos, a influência de Rodrigo M. F. de Andrade revela-se ainda mais significativa. Conforme mencionado, ele informa a Mário de Andrade que o primeiro número da *Revista do Patrimônio* não seria publicado na data prevista devido ao atraso no envio dos artigos de Heloísa Alberto Torres,

70. Afonso de Taunay publicou na 1ª edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *O forte de São Tiago da Bertioga*.

71. José Wasth Rodrigues publicou na 7ª edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *Móveis antigos de Minas Gerais*.

72. Gastão Cruls publicou na 5ª edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *Decoração das malocas indígenas* e na 6ª edição o artigo *Arqueologia Amazônica*.

73. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades / Ayrton de Almeida Carvalho. Caixa 20/Pasta 68.or. Ayrton de Carvalho publicou na 6ª edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *Algumas notas sobre o uso da Pedra na Arquitetura Religiosa do Nordeste*.

74. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades / Epaminondas Macedo. Caixa 66/Pasta 220.03. Epaminondas de Macedo publicou na primeira edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *A Capela de N. S. de Sant'ana*.

75. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades / Godofredo Filho, Caixa 46/Pasta 61. Godofredo Filho publicou na 1ª e 3ª edição da *Revista do Patrimônio* os artigos *Seminário de Belém da Cachoeira* e *A Torre e o Castelo de Garcia d'Ávila* respectivamente.

76. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades / J.W. Rodrigues, Caixa 99/Pasta 328.10.

Roquette Pinto e Augusto Meyer. A partir da análise das correspondências, é possível sugerir que esses textos foram solicitados diretamente por Rodrigo M. F. de Andrade, hipótese reforçada pelas cartas trocadas com Augusto Meyer e Mário de Andrade sobre a organização do primeiro número da *Revista*. Outro caso relevante é o de Francisco Marques dos Santos, que publicou em quatro edições da *Revista* no período analisado. Membro do Conselho Consultivo do SPHAN até seu falecimento, ele foi um dos grandes colecionadores da cidade do Rio de Janeiro, proprietário de uma loja de antiguidades na Rua Chile, ponto de encontro de diversos intelectuais — entre eles Afonso de Taunay⁷⁰, Wasth Rodrigues⁷¹, Gastão Cruls⁷² e o Rodrigo M. F. de Andrade.

De acordo com Marcia Chuva, estudiosos renomados eram convidados a participarem das publicações, assim como os técnicos não especializados do SPHAN, como os ligados aos serviços administrativos, eram estimulados a ingressar nos estudos para poderem publicar artigos na Revista (Chuva, 2017, p. 255). Isso revela um importante quadro sobre o grande número de colaboradores da *Revista do Patrimônio* ligados ao Conselho do SPHAN e/ou a Diretórios Regionais. Ayrton de Almeida Carvalho (chefe do 1º Distrito Histórico Regional de Pernambuco do SPHAN)⁷³, Epaminondas de Macedo (Colaborou como engenheiro do SPHAN em Minas Gerais)⁷⁴, Godofredo Filho (Poeta e colaborador do SPHAN em Salvador)⁷⁵, José Wasth Rodrigues (Pintor, estudioso da pintura histórica, foi Conselheiro do SPHAN)⁷⁶, José de Souza Reis (subsecretário do SPHAN de 1938 a 1980)⁷⁸, Paulo Thedim Barreto (Arquiteto integrante do primeiro grupo de técnicos do SPHAN)⁷⁷, Nair Batista (Trabalhou como técnica do SPHAN)⁷⁹, Afonso Arinos de Melo Franco (Historiador e Conselheiro do SPHAN)⁸⁰, todos esses colaboradores, ao mesmo tempo que realizavam atividades para o SPHAN, utilizavam o espaço da Revista como legitimação das ações do próprio órgão, por intermédio de Rodrigo M. F. de Andrade.

Outro colaborador assíduo da *Revista do Patrimônio* — e o que mais publicou no periódico — foi Artur César Ferreira Reis, autor de sete artigos, dos quais quatro se inserem no recorte temporal aqui analisado⁸¹. Historiador e geógrafo nascido em Manaus, Artur César foi secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas e dedicou suas pesquisas, publicadas na Revista, à temática da região amazônica. Seus textos representam uma abordagem sobre um patrimônio frequentemente negligenciado pela política de tombamento do SPHAN. Uma carta enviada a Artur César, em setembro de 1956, sobre o artigo que integraria a 13ª edição da *Revista do Patrimônio*, evidencia o papel editorial de Rodrigo M. F. de Andrade ao solicitar que o autor verificasse a necessidade de acréscimos ou alterações no texto antes da publicação⁸². Esse documento sugere que Rodrigo mantinha um diálogo ativo com Artur César a respeito de seus artigos, o que permite inferir que esteve envolvido no processo de construção e lapidação dos textos publicados pelo autor na *Revista*.

77. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades / BARROSO, Paulo Thedim. Caixa 14/ Pasta 48. Paulo Thedim Barreto publicou na 1ª e 2ª edição da *Revista do Patrimônio* os artigos *Uma casa de fazenda em Jururuba* e *O Piauí e sua arquitetura* respectivamente.

78. Arquivo Central do Iphan, Série Personalidades / REIS, José de Souza. Caixa 96/ Pasta 320. José de Souza Reis publicou na 3ª edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *O Adro do Santuário de Congonbas*.

79. Nair Belo publicou na 3ª, 4ª e 5ª edição da *Revista do Patrimônio* os artigos *Pintores no Rio de Janeiro Colonial (notas bibliográficas)*, *Valentim da Fonseca e Silva* e *Caetano da Costa Coelho e a pintura da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência* respectivamente.

80. Afonso Arinos publicou na 3ª edição da *Revista do Patrimônio* o artigo *O primeiro depoimento estrangeiro sobre Aleijadinho*.

81. Artur César Ferreira Reis publicou os artigos *Vestígios artísticos da dominação lusitana na Amazônia* História na 5ª, *Roteiro Histórico das Fortificações do Amazonas* História na 6ª, *Das condições defensivas da Capitania do Pará ao findar o século XVIII* Documentação na 7ª e *Aspectos da Amazônia na sexta década do século XVIII* na 8ª edição da *Revista do Patrimônio*.

82. Silva, 2010, p. 84.

A análise das oito primeiras edições da *Revista do Patrimônio*, considerando o perfil de seus autores, evidencia a predominância de artigos sobre arquitetura, arte e história, que compõem a quase totalidade das publicações. Esse panorama permite afirmar que a política editorial do SPHAN tinha como objetivo difundir os valores relacionados à preservação do patrimônio cultural brasileiro para um público amplo. No entanto, o predomínio temático das edições restringia o alcance efetivo da *Revista* ao círculo de intelectuais interessados em discutir a identidade nacional e seus monumentos. Dessa forma, a publicação cumpria um papel central de legitimação das ações do SPHAN, contribuindo para a consagração dos monumentos históricos como patrimônio a ser preservado.

Os artigos publicados na *Revista do Patrimônio* evidenciam que o SPHAN, sob a direção de Rodrigo M. F. de Andrade, privilegiou como foco de preservação os objetos da cultura material vinculados à história oficial do Brasil, relegando a segundo plano outros elementos da cultura nacional. Embora a publicação tenha incluído textos de autores como Artur César Ferreira Reis, Heloísa Alberto Torres e Roquette Pinto — que abordaram aspectos etnográficos da cultura brasileira —, essas contribuições tiveram pouca repercussão na narrativa predominante sobre a identidade nacional. É importante destacar que a identidade brasileira não estava plenamente definida naquele momento; ela estava em processo de construção em diferentes esferas da sociedade, em consonância com as diretrizes do Estado Novo. No espaço privilegiado representado pela *Revista do Patrimônio*, essa identidade foi delineada prioritariamente a partir dos aspectos materiais da cultura, reforçando a centralidade dos monumentos e objetos históricos como símbolos de uma memória nacional a ser consagrada.

Os dados e documentos analisados confirmam que a *Revista do Patrimônio* se constituiu como um espaço de campo estruturado, no qual a rede de especialistas reunida por Rodrigo M. F. de Andrade expressava o discurso oficial sobre a história e o patrimônio brasileiro. As formas culturais institucionalizadas e objetivadas de representação coletiva foram incorporadas ao campo do patrimônio, encontrando respaldo nas funções simbólicas que legitimavam essas representações. Na Revista, tais formas manifestavam-se como condição de publicação: os artigos eram produzidos por autores pertencentes a um meio especializado, reconhecidos como autoridades em suas áreas de atuação. Esses agentes, ao se organizarem em torno da *Revista do Patrimônio*, contribuíram para a formação de um campo específico de produção discursiva, que ajudou a consolidar a escrita do patrimônio no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Mário de Andrade – cartas de trabalho**: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade (1936-1945). Brasília, DF: MEC-SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- ANDRADE, Mário de. Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, DF, n. 30, p. 270-287, 2002. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat30_m.pdf. Acesso em: 12 fev. 2026.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Programa. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 1, Rio de Janeiro, 1937.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Introdução. In: FREYRE, Gilberto. **Mocambos do Nordeste**: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938. p. 10. (Publicações do SPHAN, v.1).
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. **RODRIGO e o SPHAN**: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural: Rodrigo Melo Franco de Andrade. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.
- BRAGA, Vanuza Moreira. **Relíquia e exemplo, saudade e esperança**: o SPHAN e a consagração de Ouro Preto. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Programa De Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/7709>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura e patrimônio. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 179-189.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, DF: Editora UnB, 1994.
- CHARTIER, Roger. História cultural: do autor à autoria. In: FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (org.). **Autoria e história cultural da ciência / Roger Chartier**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. p. 37-64.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, DF, n. 34, p. 147-165, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CHUVA_Marcia_Por-uma-historia-da-nocao-de-patrimonio-cultural.pdf. Acesso em: 12 fev. 2026

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

COSTA, Lucio. Plano de Trabalho para a Divisão de Estudos e Tombamento da DPHAN. In: MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Rezende (orgs.). **Inventários de identificação: um panorama da experiência brasileira**. Brasília, DF: Iphan, 1998. p. 133-140.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Mediação intelectual e percursos da cultura no Brasil dos anos 1930: o caso da coleção Brasileira e da Cia. Editora Nacional. In: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane. **Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 149-172.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

GUEDES, Tarcila. **O lado doutor e o gavião de penacho: movimento modernista e patrimônio cultural no Brasil: o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)**. São Paulo: Annablume, 2000.

GUIMARAENS, Cêça. Rodrigo Melo Franco de Andrade e a paisagem hiperreal do patrimônio. **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n. 149.06, 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.149/4543>. Acesso em: 12 fev. 2026.

LANARI, Raul Amaro de Oliveira. **O patrimônio por escrito: a política editorial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional durante o Estado Novo (1937-1945)**. Brasília, DF: Editora Letramento, 2018.

PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleções Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

- RIBEIRO, Robson Orzari. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**: textos de história da arte engajados na política de preservação no Brasil. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/926063>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- RUBINO, Silvana. **As fachadas da história**: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968. 1991. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1992.49009>.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- SILVA, Cíntia Mayumi de Carli. **Revista do Patrimônio**: editor, autores e temas. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/7687>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 231-269.
- THOMPSON, Analucia *et al.* História e civilização material na Revista do Patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, DF, n. 34, p. 167-197, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat34_m.pdf. Acesso em: 12 fev. 2026.
- XAVIER, Laura Regina. **Patrimônio em prosa e verso**: a correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Augusto Meyer. 2008. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/2149>. Acesso em: 12 fev. 2026.

FONTES

ARQUIVO Central do Iphan, Série Personalidades.

ARQUIVOS Pessoais da Fundação Casa Rui Barbosa, Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção na imprensa e documentos iconográficos

**REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL**

VOL. 1. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1937.

VOL. 2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

VOL. 3. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939.

VOL. 4. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

VOL. 5. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1941.

VOL. 6. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1942.

VOL. 7. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1943.

VOL. 8. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1944.

VOL. II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

